

# **OS MENINOS DA TERRA-DO-NUNCA**

por:

**MARIA CRISTINA DE PAULA MACHADO**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

Dissertação de Mestrado em Educação  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da  
Professora Doutora Raquel Goulart Barreto.

RIO DE JANEIRO, 1999

Este trabalho é dedicado aos educadores Marília Lopes e Marcos Siqueira, que **sempre** acreditaram nos meninos da Terra-do- **Nunca**.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, Thereza Penna Firme, pela generosa orientação inicial, na pesquisa e na vida acadêmica.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - que muito auxiliaram na elaboração dessa dissertação.

A Marília Amorim, que me levou a descoberta da possibilidade de tradução do discurso do outro.

Aos amigos que encontrei nas três ONG's em que trabalhei: "Se essa Rua fosse Minha"; "Espaço Flor do Amanhã" e "IBISS", pelo apoio irrestrito durante o percurso do "obsuro" caminho que me conduziu ao trabalho e ao convívio com o grupo de meninos e meninas que vivem ou viveram nas ruas de nossa cidade.

Ao **CESPI/USU** - Coordenação de Estudos e Pesquisa sobre a Infância da Universidade Santa Úrsula, pela grande contribuição na pesquisa.

Aos meus meninos: Rafael e Matheus, muitas vezes excluídos e ao André, pelo apoio irrestrito.

Ao Nelson Voigt e Rosa Anita Freitas de Carvalho, pela paciência e precisão na tradução de minha língua para a linguagem do computador.

Ao Júlio Rique Neto pelas sugestões e auxílio na tradução para o inglês.

Aos pescadores de pérolas, Marília e Marcão, e as pérolas da Terra-do Nunca: meninos e meninas que vivem nas ruas de Madureira. Sem eles nada disso seria possível.

Ao CNPq, que por justiça deveria vir em primeiro lugar. Através de seu apoio, sustento e incentivo no estudo, pude ter

acesso a uma visão de mundo da qual anteriormente eu só suspeitava.

A Marlene Carvalho e Sônia Altoé pela solidariedade no infortúnio,

A Raquel Goulart Barreto, minha orientadora, que me incentivou e me fez acreditar que era possível começar de novo.

## RESUMO

Este trabalho desenvolve uma análise de conteúdo do discurso de meninos e meninas que vivem ou viveram nas ruas de Madureira, RJ, utilizando uma abordagem polifônica. Os vários sentidos da palavra **casa** emergiram de modo sistemático no material analisado da produção discursiva destes meninos. Procuram na rua o que falta em casa, e procuram na rua a casa que falta. Estranhamente buscam na rua a sobrevivência e se deparam com a morte. A presença da alteridade no espaço geográfico rua – alterando o menino e as pessoas que com ele convivem, faz com que a casa vista da rua se torne uma casa impossível ... a Terra-do-Nunca.

## ABSTRACT

This study consists of a discursive analysis of street children of Madureira, RJ., Brazil, based on polyphonic perspective, taking the use of the analysis was based on polyphonic perspective. The **home** meaning different aspects of social representation. For street children, it appears that their aim is to find the meaning of "home", which is missing in their "family's house", on the streets of Madureira. It creates a social paradox, when children leave home searching for the feeling of "being at home" on the streets, they meet death. For street children, the geographical space of the streets has a different representation from the others members of the community; the presence of children living on the streets alters the perception of the landscape in all in the community. The social condition and survivorship on the streets, however, alters the search for "home". That appears to be the original aim for those kids. The feeling of "being at home" becomes impossible to be achieved, it is like in "The Neverland World".

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>i</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>ii</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>iii</b>
<b>1- INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2 – QUADRO TEÓRICO E MATERIAL DE ANÁLISE .....</b>	<b>10</b>
2.1 – Síntese de uma trajetória: a análise da produção discursiva como possibilidade teórico-metodológica. ....	10
2.2 – A questão da alteridade .....	12
2.3 - A questão do diálogo e dos deslocamentos: temporal e espacial/geográfico .....	13
2.4 – Casa e rua: vozes contraditórias .....	22
2.5 – Perspectiva cronotópica .....	25
<b>3 – A CASA VISTA DA RUA - O avesso do avesso .....</b>	<b>42</b>
3.1 – A casa do passado x a memória de uma casa impossível .....	44
3.2 – A casa: dentro x fora .....	53
3.3 – A casa: perigo x proteção .....	64
3.4 – A casa: alimento x fome .....	71
3.5 – A casa: gente da casa x gente da rua .....	75
3.6 – A casa: na rua, sem pouso x na parada obrigatória - o xadrez .....	81
3.7 – A casa: lei x transgressão .....	84
3.8 – A casa: vida x morte .....	90
<b>4 – CONCLUSÃO .....</b>	<b>102</b>
<b>5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>108</b>

"Essa Terra-do-Nunca, onde Peter Pan vivia com os meninos perdidos, era bem longe (...).

- Moravam como?
- Numa caverna subterrânea sem porta de entrada.
- E de que modo entravam na caverna, se não havia porta?
- De um modo muito interessante. Em cima da caverna o chão era como ali no terreiro - liso, sem sinal nenhum de caverna embaixo. Mas de longe havia várias árvores - árvores ocas. Cada menino era dono de uma árvore e entrava na caverna pelo respectivo oco (...).
- E quantos eram?
- Seis. O mais velho chamava-se Levemente - Estragado. Os outros chamavam-se Bicudo, Cachimbo, Assobio e, finalmente, Gêmeo. Gêmeo era o nome dado a dois meninos realmente gêmeos e tão iguaizinhos que as mesmas roupas e o mesmo nome serviam para ambos.
- E como se distinguia um do outro?
- Não se distinguiam. Os demais lidavam com eles como se fossem um só".

*Monteiro Lobato*



## INTRODUÇÃO

Há um modo de uma casa ser ou não ser.

A cor, o tamanho, sua localização...

Às vezes é verde, bem pequenina.

Às vezes é vermelha e grande.

A cor, o tamanho, sua localização... enfim, a casa que fica na memória depende do dia.

Não contaremos uma história sobre uma casa qualquer, exatamente do modo como ela é. Vamos contá-la do modo como os meninos e meninas de Madureira se lembram dela.

Se é verdadeiro o retrato desta casa, o reconheceremos em nós mesmos e nos outros.

Trata-se de uma análise de discurso feita através de fitas gravadas pelos educadores sociais Marília Lopes e Marcos Siqueira, com o grupo de meninos e meninas que vivem nas ruas de Madureira.

Utilizando da abordagem polifônica do discurso proposta por Bakhtin, vários sentidos da palavra **casa** emergiram de modo sistemático no material analisado da produção discursiva deste grupo de meninos e meninas que vivem ou viveram nas ruas de Madureira – RJ, e o conceito de geografia da

enunciação é resultante da construção teórica, feita através do material discursivo da pesquisa, aliada à minha prática como educadora.

Não foi por acaso a escolha da casa. Foi tema predominante nas fitas, o que nos remete ao fato de que no discurso da sociedade, é clara a oposição entre menino de rua x menino que tem (ou que está em) casa.

A temática casa pode ser relacionada a um vasto campo conceitual, mas é através do discurso que teremos uma produção concreta, um conteúdo real, sobre o objeto de que se fala. A casa é o elemento predominante no discurso dos meninos, designado através das entrevistas, e é marca do encontro entre os/as meninos(as) e as pesquisadoras.

A origem do material gravado percorre o trabalho realizado em duas ONG's :

- Projeto Espaço Flor do Amanhã – Programa de atenção à menores em circunstâncias especialmente difíceis e de risco – (BID/Prefeitura-RJ), ano: 93/94;
- Projeto Madureira – Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social (IBISS), ano: 95/97.

Durante a gravação deste material não existia a intenção de aloca-lo para pesquisa de campo, pois não existia intenção de elaboração de dissertação. Estas fitas são registros do trabalho pedagógico desenvolvido pelas equipes destas organizações. É a reflexão sistemática sobre o material que configura o trabalho de investigação desenvolvido e materializado neste texto.

As entrevistas se assemelham muitas vezes a conversas informais, em outras vezes, relatam fatos ocorridos durante o trabalho desenvolvido com os

“meninos de rua”.<sup>1</sup> Nenhum roteiro escrito foi utilizado e a ordem de emergência destes temas não foi pré-determinada.

A transcrição completa das entrevistas cobre número tão elevado: aproximadamente 300 páginas, que optamos por nos restringir a incluir aqueles segmentos das entrevistas que usaremos como exemplos em nossa análise.

A investigação foi feita a partir da fala de nossos sujeitos, exemplos da presença de diferentes comportamentos e de sistemas de idéias distintas, mais ou menos visíveis, coerentes ou conflitantes, que se escondem por trás do comportamento das pessoas ou grupos.

É intencional que as vozes das organizações não-governamentais e as de seus integrantes muitas vezes estejam silenciadas no texto da dissertação e que não tenham sido objeto de análise.

O objetivo de nossa pesquisa é a análise do conteúdo do material discursivo do grupo de meninos e meninas de Madureira – como falam da casa vista da rua. Deste lugar, mais tarde compreendido como um "não lugar".

E é o trabalho com o discurso que vai nos permitir não temer conclusões errôneas, mas sim conclusões possíveis – passíveis de interpretações diversas dentro das mais distintas redes de significação. Tudo o que é dito permanece no ar e aqui foi registrado por escrito e mantido acessível a ser submetido a uma análise.

O grupo de meninos e meninas que vivem ou viveram nas ruas de Madureira participou do Projeto Flor do Manhã, em sua primeira fase na gestão do carnavalesco Joãozinho Trinta, permanecendo em sua sede na Praça Mauá até o seu fechamento em 1992, em regime de "instituição total" (GOFFMAN, 1984)

---

<sup>1</sup> - Esta denominação surgiu com a publicação do livro "Meninos de Rua", de Rosa M. Fischer Ferreira, CEDESC, São Paulo, 1979.

Este grupo representa uma dissidência do grupo de meninos e meninas que sobreviviam nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro.

Após o primeiro fechamento desta instituição (1992), parte deste grupo migrou para o Viaduto Negrão de Lima. E a partir de então, estava formado o grupo de Madureira.

O Espaço Flor do Amanhã reabriu em 1993, sob nova direção, voltando a fechar em 94. O grupo de Madureira continua até hoje próximo ao viaduto, em uma praça, embaixo da estátua de uma mulher amamentando. Com as suas muitas implicações simbólicas.

No cruzamento de tempo e espaço e nas condições de produção das práticas discursivas registradas, está situada a reflexão sobre os modos pelos quais este grupo, que "mora" na rua, fala da rua, fala da casa e, ao fazê-lo, se relaciona com a alteridade e faz circular sentidos que sustentam a relação eu-outro, num coro às vezes desafinado de vozes próprias e outras.

**No 2º CAPÍTULO: QUADRO TEÓRICO E MATERIAL DE ANÁLISE,** apresentamos o quadro teórico de nossa pesquisa, baseada no dialogismo de Bakhtin, especialmente nos conceitos de cronotopo e polifonia – alternativa metodológica para o tratamento da produção discursiva do grupo de Madureira. A opção metodológica pela análise de discurso encontra sua coerência entre teoria e fatos.

Vamos analisar a prática discursiva deste grupo que fala da casa morando na rua. Discurso como objeto teórico construído, impregnado de interesses, normas e valores.

Ao analisar um texto, é possível localizar os destinatários e ouvir diversas vozes. Além disso, são vários os significados ou imagens que determinada palavra pode evocar, no âmbito da polissemia da língua.

É assim que propomos dialogar com o texto dos meninos e meninas que vivem nas ruas de Madureira e que falam da casa – em seu diversos sentidos e significados.

No **3º CAPÍTULO: A CASA VISTA DA RUA** – selecionamos fragmentos da produção discursiva do grupo de meninos de Madureira em mais de 30 horas de fitas gravadas pelos educadores sociais: Marília Lopes e Marcos Siqueira, durante o trabalho nas ONG's (Organizações Não-Governamentais): IBISS (Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social) e Espaço Flor do Amanhã.

As mensagens dos meninos podem ser analisadas sob vários aspectos, mas dentro da abordagem polifônica do discurso, os vários sentidos da palavra casa foram sistematizados.

A casa vista da rua e os diferentes sentidos da palavra casa segundo os meninos e meninas que vivem ou viveram nas ruas de Madureira – RJ., são claramente identificados em quase todas as fitas.

A análise do material coletado procura investigar esses diferentes sentidos e para isso, seleciona as falas em que os sujeitos faziam referências, direta ou indiretamente, ao tema acima citado, constituindo assim, nossas categorias de análise.

A partir destas falas foram agrupados os vários sentidos da palavra casa, encontrados no discurso dos meninos em oito oposições que, por sua vez, sintetizam as tensões expressas pelas polarizações:

a casa do passado x a memória de uma casa impossível

a casa: dentro x fora

a casa: perigo x proteção

a casa: alimento x fome

a casa: gente da casa x gente da rua

a casa: na rua, sem pouso x na parada obrigatória – o xadrez

a casa: lei x transgressão

a casa: vida x morte

Face a recorrência do tema, também foi tomada como referência a obra de Roberto Da Matta (1987), contextualizando as referências casa e rua neste tempo-espaço da formação social brasileira.

A seleção de enunciados obedeceu ao caráter singular de oposição – marca da trajetória destes para sempre meninos (visto que quase sempre morrem antes de atingir a maioridade ou passam a vida confinados em prisões), moradores de uma Terra-do-Nunca (a rua). Nesta inscrição do espaço geográfico rua como uma “Terra-do-Nunca”, se funda a relação entre sobrevivência e morte. Ao buscarem a sobrevivência nas ruas, o que os meninos encontram é a morte. Ao colocar em diálogo polifônico o enunciado dos meninos com sua voz e a voz de outros sujeitos, foi possível perceber um elo entre exclusão e morte radical.

#### No **CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO**

A principal conclusão da pesquisa é a caracterização encontrada na análise do conteúdo do material discursivo dos meninos, de uma dimensão cronotopológica da enunciação – a geografia enunciativa.

Descoberta empírica de uma noção ou idéia que coincide exatamente com o conceito bakhtiniano de cronotopo.

O menino “abandona” sua casa, busca a rua para a sobrevivência, fala sobre casa o tempo todo, permanecendo na rua. Seu “encontro” marcado não é com esta casa e sim, com a morte. Rua e casa como Terras-do-Nunca.

Podemos perceber que a fala da criança traz em cena uma casa que não mais existe, que nunca existiu, uma casa idealizada, a casa ideal, uma casa impossível ... a Terra-do-Nunca.

A intenção de anexar à pesquisa o discurso da imprensa escrita tem o objetivo de focar o olhar da opinião pública sobre os meninos de Madureira e suscitar outra discussão.

Centrada nas falas destes meninos específicos, esta investigação não poderia excluir as matérias jornalísticas sobre este grupo, que utiliza o nome dos meninos reduzido às iniciais, reduzindo assim, o lugar do nome – o espaço do sujeito. Trata-se de uma exigência legal para "proteger" os menores.

O objetivo principal foi tornar visível a lógica e a opinião, muitas vezes não explícita, por meio das quais a sociedade encara o fenômeno meninos e meninas de rua, porém o discurso da imprensa não será submetido a análise, como será feita no caso do discurso dos meninos.

Assim, foram anexadas notícias de jornais sobre este grupo de meninos e meninas de Madureira – RJ, para completar o discurso acadêmico com o discurso da mídia. Esses dois campos discursivos constituem o intertexto de nosso texto.

Na seleção referente ao discurso da imprensa escrita, evidenciou-se a questão do extermínio. A maioria das reportagens relata morte ou extrema violência, e fazem parte quase sempre, da seção policial dos principais jornais em circulação no Rio de Janeiro.

Em síntese, esta dissertação é tecida pelas falas produzidas por meninos da Terra-do-Nunca que, em busca de um lugar, conjugam ausências e presenças, sentidos seus e outros, atravessados.



# **Capítulo II**

## **QUADRO TEÓRICO E MATERIAL DE ANÁLISE**

## CAPÍTULO II

### QUADRO TEÓRICO E MATERIAL DE ANÁLISE

#### 2.1 – Síntese de uma trajetória: a análise da produção discursiva como possibilidade teórico-metodológica.

-

O ponto de partida de nossa análise é o estudo de AMORIM, M., sobre o tema Alteridade e Ciências Humanas, desenvolvido pela autora desde 1991. Em seu livro: “*Dialogisme et altérité dans les sciences humaines*”, (Ed. L. Harmattan, Paris, 1996) a autora investiga o problema da relação com o outro na produção de conhecimentos, utilizando a referência de BAKHTIN para trabalhar o texto em ciências humanas como um lugar que produz e faz circular conhecimentos.

Para uma análise do discurso dos meninos de rua, a pesquisa de Amorim é fundamental tanto na identificação, quanto na tradução das várias vozes que habitam um texto: do pesquisador e seus outros; e de como essas relações se organizam.

A utilização da teoria da enunciação de Benveniste e do dialogismo de Bakhtin, pareceu-nos mais pertinente nesta análise de discurso dos comumente chamados “meninos de rua”, principalmente para pensar a questão da ocorrência da alteridade.

O modo de existência da linguagem é o dialogismo, pois em cada enunciado ressoam, pelo menos, duas vozes: a do eu e a do outro. O "outro", cuja voz ressoa em seus enunciados, são os genericamente chamados de

meninos de rua, aqui encarados como o "eu", construção de subjetividades, dimensionado e atravessado pelo "outro".

Ouviremos as vozes dos meninos que falam da casa morando na rua. Rua, palco de tensões opostas servindo de cenário para a materialização da palavra: *"arena em que se manifestam valores sociais contraditórios."* (BAKHTIN, 1990,p.14).

Esta análise pretende indicar pistas para romper com a hegemonia do sentido, construção ideológica que, na/pela linguagem, corresponde à produção. *"Produção de uma interpretação particular que apareceu como interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras no contexto histórico de sua produção."* (LEONARDOS, A.C.; BARRETO, F.G e ESTEVES, R.M. M.G., 1992, p.5).

As várias vozes que perpassam a rua onde se encontram os meninos e as vozes dos meninos com toda a complexidade de seu dizer, transcritas, constituem um texto nitidamente polifônico onde vários sentidos para a palavra casa, sempre presente, podem ser agrupados.

Na relação estabelecida entre o menino e os que o cercam, se dá uma espécie de suspensão de diálogo, uma constante ruptura de qualquer tipo de relação. Excluindo a infância e alterando comportamentos ao não assumir a singularidade e a diferença produzidas pela desigualdade social, *"este adulto e esta criança, tornados estrangeiros um do outro, esta criança tornada longínqua e desconhecida, no interior da sociedade que a engendrou, colocam em perigo a própria idéia de uma humanidade, que já não pode mais se reconhecer nem em seu presente nem em seu futuro."* (AMORIM, 1996, p.115).

## **2.2 – A questão da alteridade**

A ocorrência da alteridade, marca deste encontro radical com o outro, faz com que a tradução se torne mais difícil. Amorim utilizará a divindade grega da Medusa para encarnar a impossibilidade de pensar e de lidar com o outro.

*"A figura da Górgone (Medusa) é extremamente importante, pois nos dá a dimensão do horror. Ela é a figura que se cruzar o olhar com você o petrifica. Ao mesmo tempo o olhar dela atrai o seu olhar". (AMORIM, 1996, p.107).*

Fazendo o paralelo para nosso objeto de pesquisa: o “deslocamento” dos meninos para as ruas fez com que nossa sociedade fosse “obrigada” a se deparar com o chamado fenômeno “meninos de rua”. A ausência de paredes serve para mostrar a todos que a pobreza agora mora ao lado.

A tentativa de aplicação do método sociológico em lingüística – proposta de Bakhtin em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” – nada mais é do que, a relação entre linguagem e sociedade.

Para quem experimenta o contato direto com estes meninos, fica a exigência de organizar o material bruto; no caso da presente pesquisa: o material discursivo do grupo de meninos e meninas de Madureira, em outra estrutura. E para dar conta desta estrutura, utilizaremos BAKHTIN, que diz que a: *"palavra se dirige, que a palavra veicula de maneira privilegiada a ideologia e que serve como 'indicador' das mudanças."* (1995, p.17).

Através da palavra que acompanha e comenta a ideologia do cotidiano, fica mais fácil entender a singularidade e a diferença que no caso deste grupo de meninos e meninas, especificamente, são produzidas pela desigualdade social. Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. Portanto, fica impossível dissociar linguagem de ideologia e sociedade.

Consciente da relevância destes termos na obra de Bakhtin, optamos por mantê-los para indicar a dimensão sócio-política do tema de nossa pesquisa. O autor afirma a natureza não individual da fala, indissolivelmente ligada às condições da comunicação e em nível macrocontextual: as estruturas sociais, seu horizonte.

### **2.3 – A questão do diálogo e dos deslocamentos: temporal e espacial / geográfico**

A década de 70 marca o deslocamento de grandes contingentes de crianças e adolescentes pobres para as ruas.

Na busca deste espaço, a luta pela sobrevivência.

*"No Brasil pós-64, também foi 'tentada' a implantação de um modelo econômico teoricamente bem estruturado. De fato, em todos os documentos escritos na época estava explícito um projeto de nação que privilegia o econômico em detrimento do social. Dentro dos planos, era preciso formar alguns 'brasileiros' para fazer funcionar toda a maquinaria e deixar um imenso exército proletário de reserva, que forçasse para baixo o valor do trabalho humano." ( LEITE, 1991, pp.31-33)*

Fenômeno ainda desconhecido na época, os “meninos de rua” foram responsáveis pela visão por parte da sociedade de uma realidade que até então se confinava nos morros, periferia, estados menos favorecidos economicamente, etc. Era a pobreza mostrando a cara nas ruas da zona sul e do centro da cidade do Rio de Janeiro. Era o “*Brasil descendo a ladeira*.” (Moraes Moreira)

Dividindo o espaço rua com a sociedade, logo ganharam o nome de “meninos de rua” e perderam seus nomes próprios. O aparecimento destes meninos nas ruas da zona sul, do centro da cidade, e de bairros movimentados como Madureira, marca um momento crucial de alteridade radical. É o encontro com o outro, o “eu” que não reconhece como criança, que diferente de toda representação que possui de infância, chama-o de “menor” e por fazer da rua sua moradia, andar em bandos sem a presença de familiares, ... esmolando, roubando... comendo, dormindo, etc... no chão, diferente de toda a representação de família e de casa que se tem, é declarado: “abandonado”.

Crianças e adolescentes sobrevivendo nas ruas com tão alto grau de exclusão por parte da sociedade, do Estado, dos pais e/ou responsáveis, “compartilham” o mesmo espaço com a classe média alta.

É o espaço geográfico rua enunciando as diferenças.

*“O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata.*

*O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes.” (BAKHTIN, 1995, p.46).*

As dificuldades de interlocução entre o grupo de meninos e a sociedade, são de ordem social, político e ideológica. Essas relações de força são derivadas dos diferentes lugares sociais ocupados pelos interlocutores, são constitutivos do processo de significação no qual se produzem as práticas de linguagem: a tensão contínua entre paráfrase (conservação das idéias originais, o mesmo, o igual) e polissemia (várias acepções, o diferente) que, por sua vez remete ao que ORLANDI (1983) denomina “*ilusão discursiva do sujeito: suposição*

*do falante ser a fonte do seu dizer, quando, na verdade, este dizer se reporta e remete a outros."* (LEONARDOS et al, 1992).

Porque ao falar, o sujeito se inscreve no processo discursivo, que é histórico e, portanto, não começa nem termina nele. Nesta inscrição, o sujeito é atravessado pelos sentidos que são produzidos, negociados, legitimados ou excluídos. Porque os confrontos são materializados nas/pelas práticas de linguagem.

A enunciação é réplica do diálogo social, não existe fora de um contexto de natureza social, e portanto, é ideológica.

Segundo BAKHTIN, *"a palavra reflete sutilmente as mais imperceptíveis alterações da existência social"* (1995, p.46).

Para se observar o fenômeno da linguagem é preciso situar os sujeitos e seus discursos no meio social. O convívio deste grupo com a sociedade, inscreveu-o com rapidez no rol dos problemas policiais, jurídicos, sociais e econômicos.

A criança brasileira: pobre, desprotegida e marginalizada, revela-se exótica, indica diferença e extravagância, nunca uma diversidade positiva.

*"As razões da conquista da América foram de fato, substancialmente duas: havia espaço geográfico para o descobrimento e se supunha a existência de algo melhor a ser alcançado ( a partir daí o sentido da apropriação, o sentimento da cobiça dialeticamente associado ao próprio acontecimento da conquista). O diferente podia ser melhor".* (ALAJMO, 1993, p.71).

A expressão meninos de rua, em sua forma plural, tem como efeito a dilatação e a diluição do lugar enunciativo, e por conseguinte, a atenuação do contorno da pessoa. A indefinição e a impessoalização sugerem que o menino, sendo de rua, não seja de ninguém.

Pensar na denominação “meninos de rua” é pensar na diferença, é se deparar com a estranheza, pois lugar de menino não é na rua. Do lugar enunciativo que este menino ocupa no discurso, compreende-se as desigualdades sociais e as diferentes posições assumidas nos confrontos de interlocução. Os outros lidam com eles como os gêmeos da Terra-do-Nunca, como se fossem todos iguais...

O espaço rua enuncia e denuncia que toda e qualquer tentativa de acesso à cidadania esbarrará na impossibilidade da reconstrução de um limiar desfeito entre casa e rua, perpetuando assim: menino (para sempre) de rua.

O lugar do filho se rompeu com a sua saída de casa, e principalmente, com a omissão de pais e/ou responsáveis em sua busca e na procura de sua re-integração ao lar. Sabemos que muitas vezes a sua saída de casa representa menos um para comer. Mais uma vez, temos a oportunidade do encontro com um outro tipo de representação familiar. Vale ressaltar que a resposta (= abandono) dada pelos "familiares" à esta criança, é a resposta possível dentro do discurso da exclusão que viaja no abandono e na violência.

Dentro do processo discursivo existe uma constante tensão de interlocução horizontalmente referidos aos lugares enunciativos: de que lugar ou posição fala o menino de Madureira? O que é dito? Por quem? Para quê? Por quê? Quais são os sentidos historicamente possíveis? Que relações podem ser estabelecidas entre o dito, o interdito e o dizer possível naquele contexto e situação? Que efeitos específicos produz? E principalmente, como fala da casa este menino que mora na rua? (BARRETO, 1996)

São meninos denominados irresidentes. Residem na rua: lugar que não é casa de residência. Moram na rua que é de ninguém, pública e impessoal, assim como ele.



A rua passa a ser a casa e seu nome passa a ser “menino de rua”. Sabemos que poucas crianças que vivem na rua chegam a idade adulta; é o espaço rua enunciando morte e perpetuando a situação menino, para sempre, de rua.

Para BAKHTIN, *“a vida começa apenas no momento em que uma enunciação encontra a outra, isto é, quando começa a interação verbal, mesmo que não seja direta, de pessoa a pessoa, mas mediatizada pela literatura”* (1995, p.179).

O diálogo é a condição da linguagem humana, mas a presença dos meninos e meninas nas ruas faz o encontro da população com um mal estar capaz de provocar uma constante suspensão do diálogo. Adia-se a compreensão, não se discute as especificidades da trajetória dessas crianças e não se assume o estranhamento como o melhor caminho para se entender a diferença.

Toda enunciação marca um eu que se dirige a um tu, falando de um ele. Procuraremos descortinar as perspectivas em diálogo: por que falam (tanto) em casa, morando na rua?

Como fala este menino – designado porque pobre não como criança, mas como menor? Sabemos que um discurso tem o poder de destinar ao sujeito um lugar na história.

Também, tentaremos perceber qual é a sua especificidade. Buscaremos nas falas as suas relações: com o diálogo eu – outro, seja o outro representado por aqueles que convivem de uma forma ou de outra com estes meninos, seja pelos que suspendem qualquer tipo de contato.

A palavra é dirigida. Tudo que se diz tem uma destinação. Não há discurso possível sem uma destinação, e tudo que eu digo é em função do que eu suponho acerca do destinatário.

Só é possível compreender o discurso do outro se houver interferência no que ele está falando. Compreender é opor uma contra palavra, é interpretar sempre. Aquele que compreende, compreende sempre com um sentido novo, escreve com uma outra palavra. O sentido é da ordem do acontecimento e é inacabado sempre.

Não há como estabelecer um sentido original. É possível analisar como um determinado sentido se produziu, mas o objeto não toma a palavra, apesar de ter voz. Ele é falado, e quando se fala de alguma coisa esse objeto traz outras vozes nele. Para Bakhtin, o dialogismo de um texto não é lógico nem retórico, ele é da ordem do acontecimento.

O menino migra para a zona sul, centro e/ou bairros com grande movimentação e alta arrecadação de ICMS, deixando para trás sua casa – quase sempre miserável e periférica – e se torna “vizinho” de moradores que dificilmente morariam perto dele algum dia na vida. Ele encarna o personagem menino de rua (apesar de possuir casa) e se torna “vizinho” de improváveis vizinhos, e estabelece com eles uma relação tensa, tendo o diálogo como impossibilidade.

O menino é o vizinho que incomoda e que habita a rua que não é dele. É a ocupação do espaço público para a moradia, insistindo em mostrar que este assunto é da nossa conta e se coloca, assim, diante de todos.

Não se adota o estranhamento como uma resposta da sociedade a este grupo, cujo modo de organização para a sobrevivência assusta e interpela; evita-se olhar a dimensão do horror, a diferença não é considerada, somente a desigualdade.

A suspensão do diálogo, por parte da população, diante da presença dos meninos e meninas na rua, é consequência de atos violentos. A presença

destes meninos desencadeia medo e horror na população. Medo legítimo, pois se torna muito difícil não se alterar com um modo de viver tão extravagante.

A alteridade radical marca deste encontro com o outro, que diferente de mim me altera, não é suportada, chegando ao extremo. Vítimas dos meninos embrutecidos pela miséria, a população responde à violência multiplicando-a, através dos grupos de extermínio.

“Na lógica de nossa sociedade o lugar deste menino é na rua, e dentro desta lógica, ele é a alteridade a ser suprimida. Assim como o judeu no nazismo. O lugar do judeu era a morte. O judeu na lógica nazista é a alteridade a ser suprimida.” (AMORIM, 1996 – Mestrado em Educação/UFRJ, anotações de aula).

Alterar é mudar, modificar, transformar e possui o mesmo radical da palavra alteridade. Porém, no âmbito da linguagem, há a necessidade de se ampliar horizontes para a compreensão do que está além do saber constituído e da inesgotabilidade do real.

É preservando a identidade que conseguimos não apagar a alteridade; e não buscando assemelhar-se ao outro para que, na medida em que não seja identificado, possa se colocar no seu lugar e, de uma certa maneira, tornar-se como ele.

Assim como durante o nazismo, a maioria da população demonstra conivência em relação aos atos de violência praticados contra o grupo de meninos de rua. Apoiam os exterminadores, declaradamente, ou o que mais comumente encontramos, despreocupam-se com esta questão e optam pela inércia e o silêncio.

Agrupamentos socialmente definido como “menores de rua”, não são vistos como crianças, pela sociedade. Procuram na rua o que falta em casa, estranhamente buscam na rua a sobrevivência e se deparam com a morte.

O significante “menor de rua” é marca histórica na vida destas crianças e adolescentes, decorrentes do deslocamento de casa para rua – resposta do grupo às condições precárias vividas por eles dentro do âmbito familiar e da infância denegada – resposta da população ao horror sentido pelo modo inusitado de vida deste grupo.

Mesmo sabendo que o sujeito é determinado por um discurso que o antecede, nos interessa saber a sua posição frente àquilo que o determina, interessa-nos saber como fala este menino – que não é visto como criança e que fala de uma casa vista da rua.

Para BAKHTIN (1983:49):

*“... São os interesses do grupo dominante que vão definir os diferentes grupos sociais, (...) atribuindo valores e criando, assim, desigualdade onde antes havia apenas diferença.”*

Sabemos que estes meninos são filhos da injustiça social, e que as razões para se entender a sua permanência nas ruas estão intimamente ligadas as suas famílias. As famílias destes meninos estão envolvidas com o espaço da rua, apesar de estarem em casa.

Este envolvimento com a rua pressupõe muitas vezes, que a única saída é “deixar” que os filhos sejam “adotados” pela rua, pois a casa não se apresenta como alimento e proteção.

Segundo ORLANDI, *“compreender... é saber que o sentido poderia ser outro”* (1983, p.116). Compreender sua organização e, principalmente, deixá-los dizer para entendê-los.

Para BAKHTIN,

*"a evolução da língua confunde-se com a evolução do pensamento e da alma dos falantes. Toda atividade verbal, consiste, então, em distribuir a palavra de outrem e a palavra que parece ser a de outrem. Palavra com seu tema intacto, palavra penetrada por uma apreciação social, segura e categórica, palavra que realmente significa e é responsável por aquilo que diz." (1995, pp.195-196).*

Sua identidade é o seu pertencimento à rua; perdidos: nome próprio, infância e família, ele agora é da rua – espaço que se anuncia em beco-sem-saída. Abandonado, carente, em circunstâncias especialmente difíceis e de risco, infrator, delinqüente, pivete, trombadinha, menor, etc. ... ,menino de rua. São vários os nomes que ocupam o lugar do nome, são vários os nomes para os que não possuem mais um nome, para os que perderam o espaço de sujeito. O perfil social da população infanto-juvenil que vive nas ruas de Madureira aponta na direção da miséria e de todo tipo de exploração e exclusão. O espaço rua é o palco de sua luta pela sobrevivência e é, também, seu local de trabalho e de lazer.

Através da interpretação do discurso dos meninos, observa-se na relação do menino com a rua um forte vínculo estabelecido, duramente conquistado. Abandonados pela família, pela escola e pela sociedade em geral, eles são "adotados" pelas ruas, extraíndo delas a sua maior lição de vida.

Entretanto, esta "opção" de vida é marcada pelo medo e insegurança, resultantes da falta de proteção que as situações de rua propiciam. Em condição – limite de sobrevivência humana, muitas vezes há a "opção" pela delinqüência, corroborando para estigmatizar ainda mais os meninos que representam papel e atitude de marginal. Deles se espera que considerados

criminosos em potencial, reconheçam o estigma e assumam imagem e comportamento.

Abandonando crianças – seres humanos em formação, nossa sociedade perde o fio condutor da vida, interrompe o seu ciclo, impossibilitando passar sua história à limpo, não gerando recursos para a construção de seu destino.

A suspensão do diálogo e, mais radical ainda, a recusa em olhar de frente o menino (e conseqüentemente a sua “questão”) representa o “*não analisável, tornando impossível; qualquer pesquisa, elaboração teórica...*” (AMORIM, 1996, p.107), ou a prática do convívio com esse ser diferente, criança, brasileiro, pobre...

*“O olhar é lugar de reconhecimento na diferença, o olhar pode ser também o ponto que a humanidade comum se rompe.”* (AMORIM, 1996, p.106).

O mundo deste menino é um mundo estranho, estrangeiro. Os elementos deste espaço (mundo) encontram-se nos pontos de ruptura do curso normal dos acontecimentos, da seqüência normal da vida, casual ou final, nos pontos onde esta seqüência interrompe-se e dá lugar à intrusão de forças não humanas.

Queremos ouvir a voz deste menino que fala sobre casa morando na rua. Interessa-nos trabalhar sobre as fitas gravadas com os depoimentos dos meninos e meninas que vivem ou viveram nas ruas de Madureira-RJ.

*“... enquanto lugar de produção e de circulação de conhecimentos. Um texto não é apenas uma transcrição dos conhecimentos produzidos em outra cena mas constitui um lugar decisivo de produção, em função da maneira como se agencia a passagem dessa relação, da situação de campo à situação da escrita. Enquanto lugar de circulação, trata-se de investigar o que o texto permite ao leitor, uma vez que esse outro vai*

*reinterpretar a pesquisa e atribuir-lhe novo sentido."* (AMORIM, 1996, p.109).

## **2.4 – Casa e rua: vozes contraditórias**

Trata-se de analisar, do ponto de vista da enunciação e da polifonia, os vários sentidos da palavra casa para estes meninos e apresentar uma nova questão relativa à enunciação da pesquisa: como e o que fala este menino que fala da rua? Ele fala da casa, mas como é esta casa vista da rua? A casa vista da rua seria uma casa impossível, já que a rua se apresenta como lugar de perda, conduzindo à morte e/ou confinamento precoces?

Perguntaremos através da transcrição das fitas, o que esta criança revelou de novo, singular, no que pode expressar sua alteridade, transformando a idéia que se tem de casa e demonstrando desejo de possuir esta casa especificamente (a casa vista da rua).

Procuraremos ouvir estes meninos em toda a complexidade de seu dizer, com sua singularidade e a marca de seu lugar enunciativo através do espaço rua.

Segundo Bakhtin, no dialogismo reside a grande riqueza da pesquisa em ciências humanas: ciências do discurso, elas devem permitir ao leitor que ouça, pelo menos, duas vozes – a do discurso que pretende conhecer e a do discurso a ser conhecido.

*"A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais"* (1995, p.66).

Nossa pesquisa vai trabalhar, basicamente, com os conceitos de casa e rua sugeridos por Da Matta,

*onde a "casa" é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais e está sujeita às mesmas normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, e onde a rua, diante da atual utilização como espaço de habitação, se revela uma esfera de significação com ética singular. Espaço transitório e problemático que recebe um tratamento muito diferente. Assim, tudo que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou a contradição – como as regiões pobres ou de meretrício – ficam num espaço singular, são sempre vistos como locais de transição: "zonas", "brejos", "mangues" e "alagados". Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo." (DA MATTA, 1987, pp.49-57). Casa e rua, espaços "inimigos". (FREYRE, 1977,p.47).*

Quanto aos conceitos de dialogismo, polifonia, ideologia e cronotopo vamos recorrer a BAKHTIN:

*"O termo cronotopo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). É importante a expressão de indissolubilidade de espaço e de tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço)". (1998, p.211).*

Entendemos o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal capaz de traduzir o sujeito de nossa pesquisa: menino (crono/tempo) de rua (topo/espaço).

Para BAKHTIN,

*"...tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um signo é um fenômeno do mundo exterior." (1995, pp.31-33).*



A palavra provida de sentido conferido pelos signos, constitui um abrigo para o conteúdo semiótico e ideológico, e confere ao objeto de nossa pesquisa: material discursivo do grupo de Madureira um modo puro e sensível de se compreender a relação social dos meninos de rua.

Bakhtin vê a linguagem, em sua realidade concreta, como materialização das ideologias. Ao estudar a linguagem em sua realidade viva, constrói uma teoria do discurso pelo caminho de uma teoria da enunciação onde estuda a questão das várias vozes (polifonia) que habitam um texto.

O modo de existência da linguagem é o dialogismo, pois em cada texto, em cada enunciado, em cada palavra, ressoam, pelo menos duas vozes: a do *eu* e a do *outro*. Estes dois conceitos se tornam essenciais para uma leitura deste grupo de meninos e meninas, que talvez nos leve a adotar uma linha de conduta reveladora de maior disponibilidade para com o outro. Este outro: menino de rua, que diferente de toda e qualquer definição da categoria infância nos apresenta como "*adulto precoce transmutado pelas condições de vida que lhes são impostas*." (AMORIM, 1996, p.114).

Esses meninos enunciam do lugar que representam: o lugar do pobre e são alterados a partir do encontro com este novo espaço: a rua.

É pobre e fala da rua, sua voz é modificada pelo espaço que ocupa. É a rua como espaço enunciativo.

Analisar do ponto de vista enunciativo e dialógico como fala a criança excluída, que sobrevive nas ruas de Madureira e á questão maior que irá nortear a presente pesquisa, e para isto recorreremos aos conceitos da infância através das referências de AMORIM.

Construir categorias de análise do texto de pesquisa através do discurso dos meninos que identifiquem os modos de representação e de

ocorrência dos vários empregos da palavra "casa", utilizando o dialogismo de Bakhtin dentro da questão da interlocução – base para o tema da alteridade.

## 2.5 – Perspectiva cronotópica

Para falar do sujeito da nossa pesquisa – "o menino de rua"- através da análise de seu discurso, nos utilizaremos do conceito utilizado por Bakhtin que significa "tempo-espaço": cronotopo.

O princípio condutor do cronotopo é o tempo.

Ouvimos as vozes dos meninos que falavam de uma casa vista da rua, onde o espaço **rua** revestiu-se de sentido e foi medido com o tempo. Os índices do tempo e o espaço são criações da sociedade.

*"... para que se possa 'ver' e 'sentir' o espaço, torna-se necessário situar-se [...]. Tempo e espaço precisam, para serem concretizados e sentidos como 'coisas' de um sistema de contrastes." (DA MATTA, 1987, pp.31-39).*

Ouvimos as vozes dos meninos que falavam de uma casa vista da rua, onde o espaço **rua** revestiu-se de sentido e foi medido com o tempo. Os índices do tempo transpareceram no espaço revelando a casa como a **Terra** – (espaço)-**do-Nunca** (tempo).

A indissolubilidade de espaço e de tempo é reveladora da realidade vivida por este grupo. O discurso dos meninos – inserido na tensão entre os vários sentidos da palavra casa e o seu sentido hegemônico está situado no eixo tempo-espaço e assume lugares sociais desiguais, estabelecendo luta pela legitimidade dos sentidos, promovida pelo conceito básico que aqui propomos: geografia da enunciação.

É imprescindível para o estudo deste grupo, a utilização de uma categoria capaz de dar conta da dimensão têmporo-espacial que envolve o fenômeno: "meninos (tempo) de rua" (espaço).

O discurso dos meninos enuncia a relação que eles estabelecem com o meio em que vivem: são meninos de rua. Inscrevem no espaço sua história e consomem o tempo com caráter escatológico. A rua travestida de casa põe em contato e em conflito tudo o que se encontra à sua volta.

Apenas na memória a "casa perdida" pode ser reconstituída. A memória regressa à origem. A casa pode ser enunciada em sua geografia, mas com contornos tênues. Ela é apenas memória na Terra-do-Nunca.

Quando falamos de casa podemos estar falando até de botão. Porém, falar de casa "morando" na rua, falar da casa tendo "optado" por viver nas ruas e sendo chamado de "menino de rua", pressupõe o confinamento e o isolamento perpétuos deste menino na rua; distanciando-o cada vez mais da casa – enunciada como a Terra-do-Nunca. É o lugar inserido no acontecimento como elemento constitutivo.

Por isso, este *"estrangeiro do interior – vizinho de uma proximidade geográfica perturbadora, já não se reconhece mais como criança e nem como semelhante."* (AMORIM, 1996, p.109).

O caráter "estrangeiro" deste menino pode ser chamado de exótico.

*"O exotismo pressupõe uma intencional contraposição do estranho com o familiar, nele o insólito daquilo que é alheio é realçado, por assim dizer, é saboreado e minuciosamente representado pelo que é subtendido, habitual, conhecido, assim como, o mundo dos romances gregos: abstratamente estrangeiro, e ainda mais, estrangeiro do início ao fim, pois não se divisa nele, em nenhum lugar, a imagem do mundo familiar de onde veio e de onde observa o autor."* (BAKHTIN, 1998, p.225).

Assim como a Terra-do-Nunca, o movimento do menino no espaço fornece as principais unidades de medida do espaço e do tempo, isto é, do cronotopo de seu discurso. É indispensável considerar que este menino é um indivíduo particular e privado, apesar da exposição de sua moradia ("a casa da rua"). Este seu traço corresponde ao mundo que se apresenta estrangeiro para ele. Em tal mundo, este menino pode ser somente um indivíduo isolado e privado, sem qualquer ligação substancial com seu país, cidade, seu grupo social, sua linhagem, e até com sua família. Ele não se sente parte do todo social, está à margem. É solitário, perdido num mundo estrangeiro, não tem nenhuma missão neste mundo, pois é também um estrangeiro.

A geografia da enunciação é uma formulação eqüivalente ao conceito que Bakhtin chama de cronotopo. No caso do cronotopo do encontro que em literatura exerce funções composicionais e serve de nó, e às vezes de ponto culminante ou mesmo de desfecho (final) do enredo, é estreita a semelhança com as funções da geografia da enunciação.

Deve-se sobretudo notar a estreita ligação do motivo do encontro com o cronotopo da estrada ("a grande estrada"): vários tipos de encontro pelo caminho. O cronotopo real do encontro tem constantemente lugar nas organizações da vida social e nacional. Enfim, é concebível por todos a importância dos encontros (que às vezes determinam diretamente todo o destino de um indivíduo) na vida e na rotina cotidiana de cada pessoa.

No cronotopo da estrada, vários são os encontros – capazes de alterar o curso da história e de transformar (metamorfose) a identidade do menino.

*"Com base na metamorfose é criado o tipo de representação de toda a vida humana*

*em seus momentos essenciais da ruptura e de crise: como um homem se transforma em outro, deixando marca indelével no próprio homem e em toda a sua vida." (BAKHTIN, 1998, pp.237-238).*

A primeira grande metamorfose que ocorre, é a transformação da criança em menor, que com sua saída da casa paterna para a estrada se torna: menor de rua.

*"Aqui se dá a realização da metáfora do 'caminho da vida'. Pode-se mesmo dizer que o caminho nunca é uma simples estrada, mas sempre o todo ou uma parte do caminho da vida; o cruzamento é sempre o ponto que decide a vida do homem; os signos da estrada são os signos do destino." (BAKHTIN, 1998, p.242).*

Eles têm um caminho de vida insólito, fora do cotidiano – esfera da existência com a qual eles nunca se unem intimamente. Fazendo de sua morada a rua, acabam por tornar suas vidas essencialmente públicas.

*"A vida pública, como qualquer acontecimento que tenha sentido social, dirige-se ao público, pressupõe obrigatoriamente um espectador, um juiz, um avaliador; para ele sempre há lugar no acontecimento, ele é seu participante obrigatório (indispensável). O homem público sempre vive e age no mundo, cada momento de sua vida, por essência e por princípio, admite ser conhecido por todos. A vida pública e o homem público são por natureza abertos, visíveis e audíveis." (BAKHTIN, 1998, p.242).*

Meninos sem infância, repetem a história de seus pais; só que o fazem diferentemente, não obedecem, optam pela delinquência.

*"O crime é aquele momento da vida privada onde ela se torna, por assim dizer,*

*pública a contragosto." (BAKHTIN, 1998, pp.251-252).*

Desde a Antigüidade clássica que a praça pública (a ágora) é responsável pela consciência biográfica do homem, a arte teatral "nasceu" nas praças das cidades européias dos séculos XIII e XIV. A praça da Antigüidade era o próprio Estado, a corte suprema, a ciência, a arte, e ligado a ela, todo o povo.

*"Cronotopo extraordinário, (cronotopo da rua e da praça) onde todas as instâncias superiores, desde o Estado até a verdade, eram representadas e personificadas concretamente, estavam visivelmente presentes. E nesse cronotopo concreto, que parece englobar tudo, realizava-se a exposição e a recapitulação de toda a vida do cidadão, efetuava-se a sua avaliação público-civil. Ele estava todo do lado de fora no sentido literal da palavra." (BAKHTIN, 1998, pp.251-252).*

Somente com as épocas helênica e romana, que o homem perde o cronotopo popular da praça pública, tornando-se abstrato e ideal, em um registro mudo com invisibilidade radical.

*"É o tempo da revelação do caráter, mas não é de modo algum o tempo da formação e do crescimento do homem. O tempo é fenomenal, a essência do caráter está fora do tempo. Não é o tempo que dá substancialidade ao caráter. Inúmeros detalhes da vida privada, que fazem com que o homem se sinta em casa e que começam a servir de apoio a uma consciência de si mesmo, passam a ter significado. A imagem do homem começa a se mover por espaços fechados, privados, quase íntimos, onde ele perde sua plasticidade monumental e sua extroversão totalmente pública." (BAKHTIN, 1998, pp.259-261).*

Não existe possibilidade de isolar o fenômeno "meninos de rua" do curso do tempo, fora da ligação com o passado e o futuro, assim como perderemos a unicidade se não situarmos o fenômeno em sua dimensão espacial.

Eles trazem no nome a marca do cronotopo – tempo: menino, espaço: rua, e utilizam o tempo com caráter escatológico.

Ao consumarem seu tempo e sua história, optam pelo presente, pois aquilo que já existe é melhor do que o futuro que ainda não existe e que nunca existiu. Fica mais fácil a compreensão de uma frase tantas vezes repetidas por eles: - *"Eu não tenho nada a perder."*

Grandeza, força e importância – ideais do homem – nunca aparecem separadas das dimensões espaciais e da duração temporal, eles nunca realizam por completo sua importância no espaço e no tempo, permanecem pequenos e vivem por pouco tempo. *"Todo o mundo espaço-temporal está submetido a uma interpretação simbólica."*(BAKHTIN, 1998, p.272).

No mundo da Terra-do-Nunca, este menino não se sente em "casa" (não é a sua pátria e nem o útero materno); ele se sente tão desprezível como esse mundo: despreza sua origem, desprezíveis também são as circunstâncias do seu nascimento, de sua infância e juventude, desprezível é sua natureza física e assim por diante. Ele é carne e osso de um mundo outro e seu representante.

Viver o lado exterior reflete a própria existência: levar tudo para a rua, se considerarem e serem considerados estrangeiros neste mundo, não se solidarizarem com nenhuma situação de vida existente nele.

*"O que não somos, nos ameaça,  
achamos que o ser do outro é o não ser. No  
diálogo com o outro, eu não harmonizo as  
diferenças (que são essenciais à prática*

*dialógica), não supero as frustrações que me são impostas pelos limites (efetivos) da comunicação, não elimino os riscos, porém, aprendo a apreciar a polifonia, aprendo a ouvir a diversidade das vozes. Exercito-me numa linguagem que amplia meus horizontes para a compreensão do que está além do saber constituído." (KONDER, 1996, p.7).*

Revelam ao público esferas da vida especificamente privadas, como por exemplo, a sexual. A ausência de paredes faz com que a "casa" na rua adquira um significado excepcional. A geografia da "casa" na rua confere ao espaço e o enuncia: imbuído do direito de:

*"... não compreender, de confundir, de arremedar, de hiperbolizar a vida; o direito de falar parodiando, de não ser o próprio indivíduo; o direito de conduzir a vida pelo cronotopo, e finalmente, o direito de tornar pública a vida privada com todos os seus segredos mais íntimos." (BAKHTIN, 1998, p.278).*

Continuando o paralelo entre os diversos cronotopos existentes na história da literatura e o cronotopo presente na história destes meninos, encontramos mais elementos importantes no cronotopo do idílio familiar:

*"- no idílio, as crianças aparecem freqüente-mente como uma sublimação do ato sexual e da concepção, ligadas ao crescimento, à renovação da vida, à morte..., mas não há a ampla e profunda simbologia realista ..., o crescimento transforma-se num repisar absurdo da vida sobre um único lugar, sobre um mesmo ponto da história, sobre um mesmo nível da evolução histórica.*

- na maioria dos casos, no idílio, o conjunto da vida das gerações (em geral, da vida das pessoas) é determinado essencialmente pela unidade de lugar, pela ligação secular das gerações ao lugar único, do qual essa vida em todos os seus acontecimentos, é inseparável... A*



*unidade de lugar aproxima e funde o berço e o túmulo...*

- *freqüentemente, no início, o personagem principal é uma pessoa sem lar, sem família; ele é um deserdado, perambula por um mundo estranho entre as pessoas estranhas, com ele ocorrem somente desgraças e êxitos fortuitos, ele se encontra por acaso com pessoas que se revelam, por motivos de início incompreensíveis, inimigos ou benfeitores..."* (BAKHTIN, 1998, pp.331-339).

Toda a relação que se estabelece aqui entre a obra: "Questão de literatura e estética: a teoria do romance", em que Bakhtin faz uma minuciosa análise do romance de RABELAIS, e os meninos de Madureira, se dá através de oposições radicais. RABELAIS fala da utopia, da festa, do riso, da fusão entre público e platéia, sempre no âmbito do popular... na rua: e essa geografia traz a marca da primeira interseção com o sujeito de nossa pesquisa. Dentro da originalidade do realismo fantástico de Rabelais, está a recriação de um mundo espaço-temporal adequado, um cronotopo novo para um homem novo e para as novas formas de relações humanas.

As representações análogas e grotescas de Rabelais concorrem para a destruição das velhas e mentirosas contigüidades entre as coisas e os fenômenos, e cria uma nova contigüidade que torna o mundo rabelaisiano tradutor do mundo da "Terra-do-Nunca".

RABELAIS, como médico humanista e pedagogo, se ocupou da cultura do corpo e do seu desenvolvimento harmonioso, mas também não era avesso a uma concepção grotesca do corpo. Do corpo "*grosseiro, que escarra, que peida, boceja, cospe, soluça, que assoa ruidosamente, que se embebeda desmedidamente.*" (BAKHTIN, 1998, pp.291-292).

Vemos interseções entre estas questões de literatura e a questão do discurso do "menino de rua". Assim como em RABELAIS, o menino está todo do lado de fora, e tudo o que nele existe, se exprime através de sua ação e de seu diálogo.

Nos limites do mundo espaço-temporal, o mundo rabelaisiano e a Terra-do-Nunca, estão impregnados por valores cronotópicos. Vale ressaltar que o carnaval para RABELAIS inclui a todos, diferente da presença na rua, que é fator gerador de exclusão. E o Carnaval é festa sazonal; não dura para sempre.

É importante ressaltar que Rabelais é herdeiro e o realizador de uma utopia carnavalesca, criador de uma catarse da trivialidade, sua obra se baseia no estudo da cultura cômica popular.

Envolta em uma atmosfera de licenciosidade e de alegria, sua obra arranca a vida de sua trilha habitual, tornando possível o impossível. E cabe aqui a explicação do paralelo que estamos fazendo de sua obra/personagens com os meninos da Terra-do-Nunca. Não encontramos interseções exatamente, mas oposições...

As hipérboles rabelaisianas revelam os traços profundos de utopia das festas populares. Utopia também quer dizer de nenhum lugar... de uma Terra-do-Nunca. Rabelais celebra a vida em uma grande festa oposição radical com os meninos que têm a morte como desfecho.

A língua oferece o terreno mais favorável à elaboração do aspecto interior, subjetivo e psicológico, para isso, através da polifonia do discurso dos meninos, podemos afirmar que eles são os representantes dos acontecimentos de suas vidas. Se somos o conjunto de escolhas que fazemos durante nossas vidas, a "opção" de viver na rua, como "opção de vida", é o encontro marcado desses meninos e meninas com a morte.

Os fundamentos folclóricos do cronotopo de Rabelais se cruzam com a trajetória dos meninos de Madureira. Com base na unidade total do tempo folclórico, atinge-se uma profunda penetração no tempo histórico, única em seu gênero, mas apenas local e limitada. O aspecto interior se funde com o exterior: *"o homem está totalmente do lado de fora."* (BAKHTIN, 1998, p.345) – está na rua.

Vamos concentrar nossa atenção, ainda, nos seguintes cronotopos: do encontro e da estrada; da rua e da praça; do idílio familiar e da soleira.

O cronotopo do encontro está ligado ao da estrada e particularmente no caso da nossa pesquisa, pareceu-nos importante agrupá-lo, formando um só cronotopo.

A história de vida do menino está marcada o tempo todo por este cronotopo (encontro/estrada). As três principais rupturas vivenciadas pelos meninos: a ruptura com sua casa e com sua família; a ruptura com a comunidade e a ruptura com a escola, estarão impregnadas de desencontros e encontros e (des+encontro = ato ou efeito de fazer com que não se encontrem, ou que sigam caminhos ou direções diversas), através da "estrada" da vida.

*"Neste cronotopo predomina o matiz temporal, na estrada cruzam-se num único ponto espacial e temporal, os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, podem se encontrar por acaso, as pessoas normalmente separadas pela hierarquia social e pelo espaço. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos)".* (BAKHTIN, 1998, p.350).

Ganha as ruas o menino que passou seus dias confinado em instituições totais (GOFFMAN, 1984), ou que viveu aprisionado na miséria de seu lar; " *ingressa numa nova estrada*", à procura de um espaço diferente do(s) internato(s) e/ou de sua casa. Paradoxalmente, o que encontra na rua é mais uma vez um lugar enunciator da morte, no imaginário destas crianças a morte está sempre por perto, pois seu encontro com o real é sempre marcado por faltas radicais.

No cronotopo da estrada, o encontro marcado é com a morte. Espera-se deste menino um comportamento marginal como consequência de sua situação de abandono, pobreza e "*desajustamento social*". Considerado "*carente*" de tudo, "*ser menor é ser 'portador' de uma 'doença', recai sobre ele o estigma de 'menor', de quem se espera, sobretudo, um comportamento desviante.*" (ALTOÉ, 1990, pp.23 e 266).

"Órfãos", muitas vezes, de pais vivos, são internados em instituições totais e/ou vivem em uma situação de abandono e desproteção em casa, o que os faz "optar" pela vida nas ruas.

Não podendo contar com a família, não podendo voltar aos internatos, não se sustentam nos empregos que arranjam. Perdem o emprego, e ficam pelas ruas como mendigos e/ou adotam comportamento desviante.

O cronotopo da rua e da praça é ambigüidade sempre. Considerado por muitos o "caminho do mal", a "estrada ruim", é com certeza a "opção" forçada de quem não teve opções na vida. Na ocupação do espaço geográfico rua, os meninos buscam uma posição inversa à situação que viviam em casa e/ou em instituições totais.

O rompimento com a casa familiar e/ou institucional, acontece muitas vezes através do que se denominou chamar de fuga. Para se fugir é

preciso estar preso. A diferença aí é que nem os pais, nem os responsáveis pelas instituições totais, procuram por "seus fugitivos".

*"Justamente por viverem na rua, descobrem diferentes maneiras de se relacionar com o mundo adulto. Estão inseridos no mercado de trabalho (como 'menores trabalhadores'), têm autonomia e aprendem a sobreviver por seus próprios meios e iniciativas." (ALTOÉ, 1990, p.210).*

E muitas vezes, o caminho escolhido pelo menino na luta pela sobrevivência, é o esperado por todos: o da marginalidade.

*"... a criança aprende qual é o seu lugar na pirâmide da hierarquia institucional e posteriormente na sociedade." (ALTOÉ, 1990, p.188).*

Lugar de criança não é na rua; mas o que assistimos muitas vezes sem indignação, com indiferença, é a rua como depósito de crianças brasileiras pretas e pobres. Esta anulação do espaço privado que nos faz "acostumar" com a população morar na rua, é mesmo incompatível com a manutenção da noção de propriedade privada e nos remete, também, a uma outra definição da categoria família.

O "cronotopo do idílio familiar" vai ajudar a desenhar o mapa percorrido pelo menino até se tornar o que comumente chamamos de "menino de rua". Utilizaremos o termo de Bakhtin entre aspas, pois no caso de nossa pesquisa, o cronotopo familiar, infelizmente, em nada lembra o idílio – nem pelo ambiente e nem pelo amor suave e terno.

Terminaremos nossa pesquisa com o cronotopo da soleira – "*a porta da rua como serventia da casa*". Estes meninos "apanharam" muito da vida, o que certamente contribuiu para que a capacidade de amar e confiar fosse

amputada desde cedo. O desejo de se relacionar com outros seres humanos fica suspenso, não há troca possível, não existe solidariedade, é como se a vida tivesse acabado.

A história familiar destes meninos nada tem a ver com o cenário idílico, pastoril que Bakhtin se refere ao tratar especificamente deste cronotopo em suas teorias sobre literatura. Foi intencional o nosso tom de paródia.

*"Não se pode compreender uma paródia sem a sua correlação com o material parodiado, ou seja, sem sair dos limites do contexto dado." (BAKHTIN, 1998, p.343).*

Já se constatou que a grande maioria dos chamados "meninos de rua" têm pai ou mãe identificados. Os pais, por algum motivo familiar ou financeiro (geralmente os dois), internam seus filhos em instituições totais. Não os procuram. Após a ruptura com a casa familiar, há a "opção" por viver nas ruas.

RIZZINI, em estudo com o objetivo de mostrar uma relação entre a prática de internar crianças e o conseqüente abandono das mesmas, afirma:

*"... uma criança que é internada num estabelecimento de menores e não é assistida pela família, ou seja, não tenha uma relação de continuidade com a família, será considerada abandonada, ainda que não o seja em termos jurídicos." (RIZZINI, 1985, p.25).*

Entretanto, muitas vezes, internar a criança é protegê-la dos males e vícios das famílias que cercam seu ambiente familiar. Este paradoxo remete à perda das referências do *eu*.

Atrás de toda criança abandonada, vemos claramente um "maior" desprotegido e excluído também. O cronotopo do "idílio" familiar nos levará até a porta da casa: da casa familiar e/ou da casa institucional.

Procuram as ruas em busca de um espaço que não seja demarcado, delimitado e restrito à vontade do adulto. Sobre a soleira, vê-se a luz que vem de fora... a luz da rua. "Ganham" as ruas como possibilidade de expressão frente às situações freqüentes de repressão, angústia, abandono e se deparam (outra vez) com a morte.

O significado dos cronotopos para nossa pesquisa representa o "enredo" gerador da trama que envolve a singularidade da vida destes meninos. O significado temático do cronotopo atua como centro organizador dos principais acontecimentos na vida dos meninos, e o significado figurativo do cronotopo – como materialização do tempo no espaço é o centro da concretização do simbólico.

Que lugar ocupam estes meninos?

Não há escapatória, se dentro ou fora das instituições (família e/ou internatos), as relações da "instituição total" se reproduzem, não permitindo ao menino escapar.

A vida do internato não tem nada que se assemelhe à vida em família, entretanto, a vida que ele leva em casa também não é o espaço da diferença – lugar que propicia a expressão do desejo, perpetuando sua condição de perdido, desprotegido, abandonado e aprisionado.

Se a vida institucional e familiar são fontes de carências, a vida na rua ao mesmo tempo que se apresenta como uma possibilidade de fuga e de busca por um espaço em que a criança possa sentir a continuidade de sua existência, paradoxalmente, se revela em seu cotidiano, também como prisão – que o levará à morte. Os meninos de Madureira sonham com uma casa que não sabem como é – perdida no futuro sem antes ter sido conhecida no presente.

*"A linguagem é essencialmente cronotópica, como tesouro de imagens. É cronotópica a forma interna da palavra, ou seja, o signo mediador que ajuda a transportar os significados originais e espaciais para as relações temporais.*

*O caráter geral do cronotopo é dialógico (na concepção ampla do termo). Esse diálogo ingressa no mundo do autor, do intérprete e no mundo dos ouvintes e dos leitores. E esses mundos também são cronológicos.*

*Se eu narrar (escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro como narrador (ou escritor) fora do tempo-espço onde se realizou.*

*Toda obra literária é dirigida para fora de si, para o ouvinte-leitor e, em certa medida, antecipa suas possíveis reações, qualquer fenômeno, nós, de alguma forma, o interpretamos, ou seja, o incluímos não só na esfera da existência espaço-temporal, mas também na esfera semântica.*

*Conseqüentemente, qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos." (BAKHTIN, 1998, pp.356-361).*

E é através desta intervenção na esfera dos significados, que encontra-se situada a nossa proposta de pesquisa: a análise sobre a interseção entre a construção conceitual – cronotopos e os modos pelos quais os meninos os simbolizam e materializam, nas suas falas, os componentes que tornam o conceito válido para explicar o intertexto.

Os cronotopos fazem parte da realidade vivida pelos meninos. Eles (meninos=crono/tempo) falam da casa (topo/espço) vista da rua (topo/espço). Com o rompimento da casa materna (cronotopo do "idílio" familiar) eles procuram a rua, através do cronotopo da soleira, em busca do que falta em casa e da casa que falta.

Na rua (cronotopo da rua e da praça), se deparam com a morte: cronotopo do encontro. Para estes meninos, o cronotopo da estrada se encontra



diametralmente em oposição *"a tão rica metaforização do caminho – estrada: o caminho da vida, cujo sustentáculo principal é o transcurso do tempo"* (BAKHTIN, 1998, p.350).

Toda esta intervenção no campo simbólico só pode ser realizada através da porta dos cronotopos e da escuta do coro de vozes que permeia todo o texto dos meninos (polifonia).

A leitura se dará na relação com os discursos dos meninos (texto), entre a explicação e a interpretação, como modo de aproximação do particular e do universal; do que os caracteriza, delimita e dimensiona.

# **Capítulo III**

## **A CASA VISTA DA RUA**

## CAPÍTULO III

### A CASA VISTA DA RUA

*“... Aprende depressa a chamar-te de realidade  
Porque o avesso do avesso  
Do avesso, do avesso.”*

(Caetano Veloso, em Sampa)

O discurso do menino é a unidade de base desta pesquisa, e portanto, sua sustentação. O material deste capítulo já existia como registro muito antes da intenção de elaboração desta dissertação, sendo assim, seu estudo pode ser feito principalmente através da análise do seu acontecimento discursivo. Nossa pesquisa não se apoiou em dados coletados por nenhum tipo de questionário. Trata-se de falas espontâneas dos meninos, e de suas interações dentro das condições em que vivem. Analisadas a partir do ponto de vista dos meninos, a partir de suas perspectivas, enunciadas através dos seus discursos.

De forma sistemática, o discurso dos meninos é pontuado de inúmeras oposições. Eles, (os meninos) agem obedecendo a elementos irracionais e emocionais, sendo simultaneamente, livres e predeterminados: são influenciados pelas restrições estruturais, permanecem aptos à mudança. Constróem as situações sociais em que se encontram envolvidos e negociam as significações que lhes atribuem.

*“A sociedade é reproduzida pela interação, mas é também, relativamente a esta, ‘exterior e impositiva’. Este aspecto foi, particularmente desenvolvido pela análise do discurso.” (COULON, 1995, p.39)*

Para que nossa análise se tornasse possível, foi preciso antes de tudo: escutar, observar, recortar e descrever. *“Isso supõe que nos tornemos testemunhas diretas dos fenômenos que são tomados como objeto. Ver, enfim, o que não é notado.”* (BEZERRA, 1994, p.123).

Optamos pelo recorte do objeto casa através da unidade de base desta pesquisa: o discurso dos meninos. Fizemos diferentes recortes para o objeto casa e atribuímos à estes, diferentes sentidos, abrindo espaço para uma contextualização social do que está sendo discutido, entender o porque do menino não ser o senhor de sua própria casa, apontando a variedade de sentidos que o menino experimenta como resultado de suas ações e que marca a sua trajetória singular.

O diálogo com o texto se deu desde o momento da escuta das fitas. Através da teoria da enunciação, nossa preocupação na escuta era sempre a de responder: quem fala à quem, e onde?

O fato de levar em consideração o lugar de onde se fala, nos permite clarificar as perspectivas dos meninos; nos permite supor que a casa vista da rua pelos meninos, possui inúmeros sentidos e que quase sempre, se apresentam em forma de oposições.

Foram conservados os erros de linguagem e as “expressões” dos meninos para respeitar a integridade de seus depoimentos. Os nomes próprios do texto são fictícios. Somente foram mantidos os nomes dos educadores que nos concederam tal permissão.

O objetivo de nossa pesquisa em pontuar o discurso dos meninos em várias oposições é o de possibilitar a "leitura" do segmento meninos de rua

com seu extenso sistema de rituais, como um grupo que se debate em torno de visões diferenciadas de si mesmo. Casa e rua em eterno combate.

*"É uma oposição (casa/rua) que nada tem de estática e de absoluta. Ao contrário, ela é dinâmica e relativa porque na gramaticalidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se sua 'casa', ou seu 'ponto'. Não posso transformar a casa na rua e nem a rua na casa impunemente. Há regras para isso."*  
(DA MATTA, 1987, p.59).

### **3.1 – A casa do passado x a memória de uma casa impossível**

*"... Se essa **rua**, se essa **rua** fosse minha,  
Eu mandava, eu mandava ladrilhar."*

(Domínio público)

**X** ***Dá licença de contar***

***Ali onde agora está***

***Esse edifício alto***

***Era uma casa velha***

Nas epígrafes nota-se a oposição entre o desejo de ser dono da rua (da esfera pública): aquele que manda enfeitar, ladrilhar, proteger das asperezas, e o que sequer viveu a experiência da perda do "palacete assombrado...".

É interessante notar a associação de casa a maloca (esfera privada) , já que na rua os meninos sequer têm como "malocar" (esconder, e não guardar) os seus pertences.

*menina - É, o bicho tá pegando lá embaixo... O cara falou pra mim: - Agora não adianta, eu já sei que os protetorzinhos de vocês não vai vir mais aqui e eu sei muito bem onde vocês estão **malocados**.*

Para entender esta “casa vista da rua”, torna-se necessário considerar a rua como espaço enunciativo.

Propomos a noção de espaço enunciativo diferente de lugar enunciativo. Para dar conta do ponto de vista do menino de rua, os enunciados dos meninos ilustram e designam o objeto casa. Através do diálogo travado entre os meninos de rua de Madureira –RJ, a casa toma forma e conteúdo dentro do espaço enunciativo da rua.

A temática casa pode ser relacionada a um vasto campo conceitual, mas é através do discurso destes meninos que teremos uma produção concreta, num conteúdo real, sobre o objeto de que se fala.

A rua se apresenta como o lugar do dizer. Lugar que fala de uma casa imaginária. Na falta de uma casa concreta, quem “mora” na rua fala da casa impossível guardada na memória de algum lugar.

Vale inserir nesta análise a diferença que fica evidente no abstract : casa / lar , por conta da língua inglesa (house / home), pois em nosso idioma casa é o edifício destinado à habitação, e é também lar; família, conjunto dos membros de uma família; instituição familiar ...

Lar é a casa de habitação, a família, a pátria, portanto, casa e lar são sinônimos em nosso idioma.

Na língua inglesa há a distinção clara entre:

- *house* = edifício. Ex: *House of correction* (instituto correcional, penitenciária).

- *home* = lar. Ex: *at home* = em casa, na pátria, à vontade.

Mas, este menino não se sente à vontade em casa, e sua “vontade” passa a ser a rua.

Fica mais fácil decifrar porque o menino é tão avesso à manutenção de regras. A sua vida é síntese da antítese, é dialética. Sua trajetória é marcada por oposições radicais entre palavras, idéias atos e omissões.

Se lugar de menino não é na rua, e se lugar de dormir não é no chão da rua, este menino está ocupando uma área de conflito. Ao romper a relação do espaço casa – supostamente considerado “normal” para a criança habitar, este menino traz em si a marca de um espaço físico ambíguo, confuso, paradoxal e singular: a rua.

*“Hoje podemos ver que não se trata apenas de dois modos específicos de habitação (casa x rua) , mas que esses espaços são domínios através dos quais a própria sociedade brasileira se atualiza e ganha vida”  
(DA MATTA, 1987 – P.58).*

Procuram na rua o que falta em casa, e procuram na rua a casa que falta.

A casa do passado é a casa que nunca tiveram, portanto ela se inscreve no futuro. Esta casa ideal é objeto da mais alta aspiração afetiva, modelo ideado pela fantasia dos meninos.

Ela não existiu no passado, não existe no presente e não chegará a existir no futuro.

É sobre a casa da Terra–do-Nunca que falam os meninos.

*Meu nome é Marcos da Silva. Perdi uns amigos aqui em Madureira e não tô muito legal. Minha idade é 10, e não dou mole prá ninguém.*

educadora - Você é novo aqui?

Marcos - **Nunca fui novo. Sempre fui velho. Sou muito antigo aqui.**

Parei em Madureira, parei em Méier, junto com eles. Sempre “seremos” vencendo, na fé em Deus.

educadora - Eu não me lembro de você.

Marcos - Porque eu não estava muito parando aqui, não tava parando muito aqui, eu tava no morro.

educadora - Há quanto tempo você está na rua?

Marcos - 5 anos.

educadora - Por que você foi para a rua?

Marcos - Não tenho pai nem mãe.

educadora - E antes? Antes você estava onde?

Marcos - Antes eu estava na FUNABEM de Quintino.

educadora - Você saiu de lá por que?

Marcos- Porque lá é muito ruim. Eu tinha que “cumprir” a briga dos garotos.

educadora - Aí, você fugiu... Você quer dizer mais alguma coisa?

Marcos - Queria dizer que **eu queria encontrar a casa do meu pai e da minha mãe.** Quem puder me ajudar a encontrar, eu agradeço de bom coração.

educadora - Fala o endereço.

Marcos - Nova Iguaçu, Rua Deputado Veloso, quadra A, lote 6.

educadora - Você lembra do bairro? Nova Iguaçu é grande.

Marcos - Bairro não, por isso!

Marcos é um menino do grupo de Madureira que responde perguntas da educadora com o verbo no passado, quando a pergunta se faz no tempo presente.



Vale destacar o modo que Marcos lida com a dimensão temporal: nunca fui novo / sempre fui velho / sou muito antigo .

Gostaria de encontrar a casa de seus pais, embora saiba que morreram, e portanto, se o prédio ainda existe, não mais pode ser a sua casa. Sua memória é fragmentada e a casa enunciada se perde na dimensão do tempo e do espaço. Há um deslocamento da impossibilidade de encontrar a casa dos seus pais, em direção ao desconhecimento do “bairro” .

É a casa perdida que se deseja encontrar ou a casa “impossível” idealizada que estes meninos procuram? Ele fala de uma casa perdida no tempo e no espaço, e sua enunciação é reveladora de uma outra possível identificação: trata-se de uma casa “outra”, diferente, alterada. Escuta-se a voz que fala de uma casa vista da rua.

Enunciações como a de Taninha fazem contraponto ao discurso de Marcos. Ela situa no passado o espaço (lugar) perdido: casa. Entretanto, o reconhecimento da perda não a impede de querer “uma casa igual” , de novo. É no espaço do possível que esta casa é situada, mesmo diante da impossibilidade concreta. Idealizada, no caso é a substituição que reconstituiria a casa perdida:

*O lugar onde a gente morava com nossos pais, nossas mães, **acabou!** Estou pedindo a Deus, a fé, a luz, a amizade, a compreensão de todos nós. Que todos sejam amigos e consigam ter uma casa, uma família, um serviço, um trabalho digno e correto. **Uma casa igual a que a gente tinha.***

No diálogo dos meninos com um texto de teatro, o confronto entre o real e o imaginário:

*menina - A gente rouba e sai correndo.*

*menino - Ih, você precisa ver, tem um policial que brinca de correr atrás da gente todo dia...*

*(interrupção: menina) - Mas em Madureira é mesmo verdade...*

*Eu nunca mais vou achar a minha casa mesmo, eu vou é ficar com vocês.*

*todos - Eh, eh, eh! Viva !!!*

*educadora - Qual é o seu sonho?*

*menino - Ter uma boa família.*

*menino - Ser médico.*

*menino - Engenheiro.*

*menina - Eu prefiro ser ladrão.*

*menina - Trabalhar no mercado.*

*menino - Ser pastor.*

*menina - Trabalhar no repórter.*

*menina - Ter uma família e ser pediatra.*

*menina - Quero ser milionária!*

*menino - Eu quero ter um bom emprego e uma casa.*

Neste confronto, a possibilidade de verbalizar os sonhos e a crítica à realidade.<sup>2</sup> Também a possibilidade de referir-se às falas dos outros:

*Se pedir um trabalho eles falam que a gente vai roubar, somos menores de rua, somos ladrão. Chega perto deles, eles corre da gente, tem medo da gente, esconde a bolsa. Muitos na rua quer trabalhar, sair dessa vida, sair da rua, parar de cheirar cola, parar de roubar, todo mundo quer fazer a união, mais aí não tem como*

---

<sup>2</sup> - Segundo COSTA (1994 – p.10):

“Histórias reais ou fantasiadas; lembranças esquecidas ou representações recalcadas. Tudo isto só pode ser pensado ou conhecido quando recorremos, mesmo sem clareza, à idéia de uma forma lingüística que nos faz compreender que os fenômenos são o que entendemos que são”.

*fazer a união pois **não tem como a gente construir um ambiente, uma casa para todo mundo ficar.***

"Uma casa para todo mundo ficar": fantasia de uma nova família, a de rua. Aqui é memória de uma casa impossível e não a casa do passado.

Há um destinatário suposto que instituiu um discurso político, dirigido à instituição que trabalha com o grupo, ao poder governamental, ou ainda, a um poder superior.

O texto escrito por João tem feitio de oração. Em tom de prece, ele pede à Deus a casa do passado, pedindo também a compreensão de todos (nós).<sup>3</sup>

*Então como é que a gente fica ?*

*A gente fica assim, dormindo na rua, um cheira cola aqui, outro cheira cola ali, outros vêm de outra área e rouba, deixa a gente mal, a gente não pode sair para lugar nenhum.*

*A gente quer um conforto nosso, a gente tá querendo lutar para isso, mas a gente não vê ninguém para lutar para isso.*

*Como a gente vai conseguir isso ?*

*Com a ajuda de vocês e da gente também.*

***Que Deus ilumine o caminho de vocês para que vocês consiga abrir muitas casas para dar espaço a muitas pessoas.***

Quando João pede a Deus, entre outras coisas, a compreensão de todos nós, " trata-se de um 'nós' inclusivo, que inclui o interlocutor (João). O plural não multiplica. O efeito é de ampliação dos limites desse lugar. O uso do plural dentro de um regime discursivo, traz uma zona intermediária de confronto. Zona

---

<sup>3</sup> - "A compreensão é uma forma de diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra " (BAKHTIN, 1995 – p.132).

*de negociação pela ambigüidade, efeito de dilatação, de indefinição dos contornos, desfocalização da pessoa" (AMORIM, 1996 – aulas).*

Será que somente possuindo o “consentimento” de Deus é que conseguirão uma casa (“igual” à que tinham), uma família, um serviço, um trabalho digno e correto?

*Vocês têm o amor ...*

*Se a gente chega ali e pede um pão , eles dão um tapa , um soco... e diz:*

*--- Vai roubar seu vagabundo ! Saia daqui !*

*Vocês já têm o amor... porque você, Marcão, Kika, vocês têm filhos !*

*Os que não dá amor a criança ? Já chega maltratando ?*

*Vocês têm o amor...*

*A gente tem uma revolta.... Tem uns que não tem pai, nem mãe, fica com aquela revolta, mas não é por isso que eles podem abusar da gente.*

*Se cada um chegasse desse um apoio, ia ficar tudo bem!*

***Pior a gente que não tem uma casa, que não tem uma mãe, nem um pai para chegar perto da gente e conversar:***

*--- Filho não faz isso, não faz aquilo.*

Na ânsia por amor, o deslocamento para o lugar de pedinte no diálogo com o outro. E como o outro não atende ao pedido, as alternativas são: sair calado, silenciar outros pedidos, ou mentir.

***Eu queria ter um lugar para nós ficar, porque esta vida que nós leva é muito ruim. Muitas pessoas não gosta da gente, quando nós passa eles fala:***

***- É menino de rua, não vai dar pra ajudar ...***

***Muitas pessoas tavam querendo ir pra sua casa ficar com sua mãe.***

***Eu queria ter a minha casa assim..., sabe ? Eu não tenho muito amor, assim... que nem minha mãe..., queria assim uma pessoa que me ajudasse assim..., sabe?***

***Eu queria ter muitas coisas que muita gente tem aí, sabe?***

*Ontem eu cheguei na padaria, o cara da padaria foi, virou para mim e falou:*

*- Vai trabalhar !*

*Eu falei: --- se você me der um trabalho, eu trabalho.*

*- Então vai roubar !*

*- Tá então vou roubar.*

*- Eu não preciso de roubar porque eu pedindo tenho muito mais amor do que roubando.*

*- Vai fazer o que na sua vida ?*

*- Eu queria ter uma casa .. assim, se ele me desse ..., me ajudasse assim..., sabe ? Eu queria ...*

***Ele falou para mim ir embora, eu fui e deixei muitas coisas para falar...***

A casa / lar, lugar de amor, da pertinência e dos pertences, é representada como uma falta que desloca o sujeito desta condição, mesmo que outros atributos favoreçam uma auto-imagem positiva:

*menino - Eu falei para uma menina ali que aqui era a casa do meu pai.*

*todos - (Risos)*

***menino - Tive que falar ... eu, um rapaz pintosão, encontro uma morena, vou falar que a minha casa, a casa que eu moro, é uma instituição ???***

*menina - Tem que falar a verdade.*

*menino - **Com o tempo** eu vou me abrir com a garota ...*

Retornando ao cronotopo e a este texto em que o “rapaz pintosão” diante do encontro da possível parceira – a possibilidade de trocar com, compartilhar –

do redimensionamento (ainda que imaginário) da sua relação com a alteridade, se desloca para o lugar de quem tem casa. E, tendo, pode fazer planos. “Com o tempo”, partindo do espaço idealizado, até pode vir a romper com ele. Não há como viver sem ambos.

O lugar para ficar é colocado em primeiro plano. Mas não basta um lugar; a “minha casa” deve ser um lar.

Ah ! Se essa casa, se essa maloca fosse minha...

### **3.2 - A casa: dentro x fora**

“Pra **rua**! Se manda,  
Sai do meu sangue, sanguessuga,  
Que só sabe sugar,  
Pirata, malandra,  
Me deixa gozar, me deixa gozar,  
Me deixa gozar, me deixa gozar “  
(Caetano Veloso, em “Não enche”)

X

“... era uma **casa** muito engraçada  
não tinha teto, não tinha nada  
ninguém podia entrar nela não  
porque na **casa** não tinha chão..  
(Vinícius de Moares, em “A casa”)

Dentro e fora, casa e rua. Políticas, atitudes, gestos, éticas diferentes. Os espaços casa e rua alteram o sujeito e seu enunciado.

O estranhamento se dá entre quatro paredes: a casa que temos é de todos e a rua, de NINGUÉM.

Seu lugar enunciativo te designa pobre, você pertence a rua, menino **de** rua. Sua casa, não é sua, é de todos e portanto, de ninguém, como a rua, como você!

Nesta seção, vários aspectos são abordados. Partindo das vozes dos meninos, tentaremos dar idéia de espaço em relação aos seus gestos, comportamentos, hábitos, atitudes, etc...

Duas noções topológicas serão introduzidas para tentar dar conta da singularidade do universo destes meninos: dentro e fora: da casa, da rua, do corpo, da vida...

Vários enunciados neste capítulo foram registrados enquanto o grupo freqüentava o Sítio Repousar (Queimados/RJ) em caráter emergencial e provisório.

Os dois educadores responsáveis pelo trabalho com estes meninos, ficaram morando com eles durante vários meses, e é de dentro desta casa institucional (que não possuía nenhuma intenção e/ou infra – estrutura para acomodá-los), que ouviremos suas vozes.

A questão aqui é a casa vista da rua (**vista de fora**) x a casa **vista por dentro** – através da casa da instituição que não é considerada (e nem poderia) como casa própria.

A casa institucional não remonta à casa rompida. É também uma casa que está fora.

*" A demarcação espacial ( e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora " (DA MATTA, 1987 – p.34)*

Os "sub-urbanos" meninos de Madureira estão fora do centro (= dentro = pertencimento social), "moram" na rua:

*“... um território especial, uma região teoricamente do “povo”. Uma espécie de sala de visitas coletiva. Temos dentro da casa (e da rua) uma rigorosa gramática de espaços e, naturalmente, de ações e reações”*  
(DA MATTA, 1987 – pp. 48 e 55).

Uma gramática que é como a outra, transposta para o espaço da rua, casa de quem não a tem. E que apresenta, faces absolutamente distintas se vista de dentro ou de fora.

Para os que não “moram” na rua, é difícil compreender os que falam deste lugar. E, para ilustrar esta incompreensão, estão aqui incluídos discursos “de fora” : dos que vêem os meninos de rua do lugar dos que moram em casas. Muito significativamente, as falas sobre os meninos de rua nas páginas policiais.

No discurso oficial, duas necessidades:

- (1) a de recolhê-los, retirando-os das ruas; e
- (2) a de que eles se comportem devidamente nos abrigos.

Se no transporte os meninos não dão trabalho, no abrigo deixam impressas as marcas do não pertencimento. Não lavram a escritura da casa própria. Escrevem a história desta passagem (ver foto seguinte) antes de retornar à Terra-do-Nunca.

Ao discurso dos meninos é contraposto um discurso do outro (dos que não são meninos de rua e estão encarregados de “recolhê-los”).

O discurso de fora não pode ficar simplesmente “colado” no papel. Até porque muitos sentidos que circulam na fala das crianças só podem ser bem dimensionados se relacionados ao discurso do outro (alteridade). No caso, as autoridades, que focalizam o problema de ângulos diametralmente opostos.



É necessário manter audíveis (legíveis) as falas dos que, na fala do juiz, formam “uma tribo de silvícolas do asfalto”. As falas dos meninos de rua dentro da casa que não é (da “outra” , abrigo).

As falas dos meninos de rua dentro de outra “casa “ (abrigo):

*educadora - Infelizmente, o nosso sonho não era este. Vocês falavam que queriam uma casa, que ia ser tudo certinho, tudo organizadinho, com a casa iam sair desta vida...*

*menino - A **casa** não pode fechar! Tem que ter a disciplina na casa. **O problema tá sendo descer, ir para as ruas, certo?***

*Então ninguém desce mais! A senhora fala não desce, e é não desce, **se descer, fica!***

*educadora - Sou eu que tenho que mandar?*

*menina - É a senhora que manda na casa.*

*educadora - Todos do grupo devem falar. Cada um do grupo tem que assumir esta atitude.*

*menino - Ih, se eu falar ninguém vai respeitar... vão virar as costas. Tia, o grupo não pensa assim, pensa de outro jeito.*

*menina - No meu bom pensar: **ninguém desce!** Os maiores que precisam ter suas coisas, exemplo, uma calcinha - vocês ainda não conseguiram roupa, né? - assuma um biscate por aqui mesmo para ganhar um dinheirinho, e aí não tem como dizer que vai descer para arrumar dinheiro.*

O conflito entre o dentro e o fora tem como deslocamento primeiro o ficar x o descer . Descer é deixar a casa institucional. Descer também pode ser voar para a morte. Descer é a ação que rompe com a suspensão do vôo. Não descer, ficar. Todos quietos. Para não correrem riscos. Para não serem riscados.

*O negócio é um de vocês três (educadores) falar: não vai descer, aquele que descer, vocês risca. Mesmo que fique só um, não interessa. Eles não aguentam a bola da rua mesmo, tenho*

*certeza!*

*menino – Tem que deixar passar perrengue lá na rua conforme a gente tava, sendo terrorizado lá no meio da rua, para botar a gente em algum lugar longe de Madureira. E a gente tá aqui no sítio, no seguro desta casa, não pode fechar!*

*menina – O certo é: **desceu, tem que ser cortado**. Não por eles ter descido, é pelo bem estar dos outros que ficar. No meu bem pensar: o direito de um, é o direito de todos!*

Ficar dentro implica a consciência de que a casa pertence a todos, implica compartilhar direitos e deveres ressignificados. Como horário e limpeza. Limpeza para além dos limites do corpo.

*menino - ... **chegou depois do horário, não janta**, deixa falar sozinho.*

*menina - Uma outra coisa também. Vai chegar um grupo, né? Aí o que é que a gente vai fazer com esse grupo que vai chegar?*

*educadora - A hora que a pessoa se mancar pode ter mil toneladas de lixo empilhado, de cocô; a gente tem que entender o seguinte, a verdade é que todo mundo fez seus trabalhos de uma certa forma, todo mundo tentou fazer alguma coisa, claro. Não precisa de alguém ficar tipo pau mandado, mandando a pessoa fazer isso e aquilo, é uma consciência que a gente **tem dentro de casa, dentro da casa da gente**, a gente sabe que precisa lavar o banheiro, tem que ter consciência.*

*menino - E também **na rua eles não cagam no lugar que eles dorme, (risos) eles não caga no chão porque é onde eles dorme**.*

Neste conflito, também podem ser ouvidas as vozes dos fantasmas que habitam a casa alheia:

*menino - Ela mijou na cama, tia!*

educadora - Ela já veio conversar comigo sobre isso.

menino - Mas tem que levantar para mijar, né tia?

educadora - Foi dormindo...

menino - Sabe o que ela falou para mim? Que **tava com medo de entrar no banheiro porque tem um homem ali dentro.**

educadora - Você já lavou o seu lençol?

menina - Já.

menino - Ela só passou água no lençol. Tem que lavar com sabão, esfregar...

menina - Eu lavei com sabão.

menino - Deixa de ser mentirosa... Lavou com sabão não, você tem que respeitar os mais velhos porque aqui **você não está na sua casa não.**

e

Pode ser quem for, preto, branco, doente .... **tirar todo mundo da rua e botar numa casa.** Algumas mulheres também que dorme na rua, algumas meninas de rua que sabem lavar roupa, fazer comida, um ajudando o outro ... U – N – I – ã – O !!!

**Mas como a gente vai unir,** como, se a gente não tem um canto para dormir, **se a gente dorme na rua ?**

De manhã cedinho, aqui em Madureira, um tal de Careca chega batendo em geral, com pedaço de pau. A gente **tem capacidade para ser filho dele,** mas ele vai e tranca os moleques dentro de um banheiro, dá porrada, esculacha .... os moleques vêm tudo machucado, e aí as tias vêm fazer curativos.

A gente não ganha nada com isso .... vai fazer alguma coisa, eles desmente na cara da gente, diz que é mentira. **A gente não tem voz para competir com a voz deles. A voz deles são mais altas.**

Nós tamos dormindo debaixo do viaduto e somos acordados com chute na espinha, porrada no pé do ouvido ....

Agora, você sabe, **tens uns menor de rua que presta e outros que não presta,** uns que quer fazer a união, que quer um abrigo para morar. Outros não querem porque já estão perdidos mesmo.

Neste conflito, ainda, as vozes de fora, “dos outros”, atravessam as vozes de dentro, daqueles “eus”. Ao lado do reconhecimento de que a luta é desigual, a incorporação do discurso maniqueísta. Suas vozes não são ouvidas. Eles são excluídos. Mas eles se dividem entre os “do bem” e os “do mal”. Perdidos.

Há, portanto, uma outra tensão dentro x fora. No discurso dos meninos de rua, também viaja a exclusão social.

*“ Não se pode abrir mão da tradução, senão se abre mão do conhecimento, ao mesmo tempo não se tem a ilusão que o outro seja totalmente tradutível” (AMORIM, 1996 - aulas).*

Para traduzir este menino é necessário situá-lo dentro do contexto da rua, pois é a rua que marca a situação de pertencimento, que dá a origem: menino de rua. É a rua como espaço enunciativo, interagindo na vida deste menino, espaço que interpela o outro, tornando o até então menino, em “menor de rua”.

A rua, como espaço enunciativo, é capaz de deslocar personagens de dentro para fora, de seus lugares e posições enunciativas anteriores.

Até a visão de casa que este menino possui se modifica vista da rua, e, quando qualquer tentativa de reprodução desta casa idealizada é sugerida pelas instituições, é como se novamente se desse o rompimento.

O menino na rua faz da sua casa “uma casa muito engraçada que não tem teto, que não tem nada”. Uma casa “para fora”. E quando estão dentro de alguma instituição fazem da casa a rua, pois, têm a rua como “casa” – espaços de atendimento passam a se constituir extensão da rua. Numa espécie de “conformação” do espaço, repetem as experiências da rua. Nenhuma linha

imaginária para traçar esses confins ... A rotina extraordinária, que vivem no seu dia-a-dia, faz imprimir no trabalho, uma estrutura de descontinuidade. Assim também é a relação com o corpo, os objetos, a linguagem.

O “eu” que rasga um lugar no espaço aberto da rua resiste ao “nós” da família institucional.

O espaço é sempre danificado, arrombado, destruído... Meninos denominados “**irresidentes**”. É através das vozes dos meninos de Madureira que propomos focar o habitat deste “novo morador”: o chamado menino de rua. Habitante de uma terra estrangeira: a rua, que não é dele e nem de ninguém por ser pública, e então, de todos, vai remontar o espaço afetivo rompido: a casa. A sua casa, o lugar que ele morou com a sua família.

*“Crianças da rua que não têm mais contato com suas famílias e que vivem de modo permanente na rua (14,6%); a maioria é de meninos, 60% estão ligados a atividades ilegais e 80% utilizam drogas. Eles têm em torno de 14 anos” (AMORIM, 1996 – p.108).*

Seguindo sua própria temporalidade, o olhar se converterá para a lógica da ocupação do espaço público e o significado dos espaços excluídos e adotados por estes personagens.

Muitos projetos, ao adotarem um nome para a casa, o lar, o abrigo para meninos e meninas “abandonados”, dão o nome de nossa casa. Através do trabalho de dois educadores sociais e com a casa da instituição abrigando em torno de 20 à 40 crianças, é feita a tentativa de remontagem do espaço afetivo rompido: a casa da infância.

Inúmeras tentativas neste sentido fracassaram, pois não deram conta de recriar o cenário adequado para a reconstrução do lar.

“O lar não mais existe e ninguém volta ao que acabou” (Luiz Reis e Haroldo Barbosa, em “Notícia de jornal”). Neste sentido, estes meninos desafiando o olhar da Medusa, se tornam representantes de uma alteridade absoluta. A figura da Medusa serve aqui como categoria de análise permitindo a seguinte elaboração teórica: ao serem excluídos em seus próprios lares, os personagens desta história buscam no olhar aquilo que convoca a dimensão ética na relação com o outro, ocupam o espaço público: rua, se colocando na “vitrine”, fazendo de sua casa um espaço sem portas, paredes e janelas, um lugar para ver e ser visto.

Ao fazê-lo, convocam a sociedade a pensar os “meninos de rua” na sua dimensão de tragédia nacional : o abandono de crianças.

A baixa auto-estima pode ser observada como característica marcante destes meninos. Ao mesmo tempo que se julgam “invencíveis” (Leite, 1991), assumindo o imaginário dos “adolescentes de play”, se sentem incapazes diante de certas instituições. As instituições, por sua vez, não dão conta deste menino. Em especial, a família e a escola.

Mesmo diante de uma verdadeira insurreição infanto-juvenil contra as condições de vida que nossa sociedade lhe impõe, este menino sonha em ser decente, digno de possuir direitos que em nosso país se tornaram privilégios de poucos: ser bem alimentado; viver em lugar saudável; ter oportunidade de brincar e aprender; receber afeto e viver sem violência; possuir uma casa em que se possa dizer: - Esta é a minha casa!

Passado perdido, fragmentado na memória, futuro vazio. O presente é o aqui, pois tudo é agora.

Na obsessão de ser menino para sempre, este “estrangeiro” se instala na “Terra do Nunca”. Perseguindo a infância abortada, fingindo a eterna infância, como na história de Peter Pan; o desejo de permanecer menino para sempre é também a forma de sobrevivência. Ser “de menor” o exclui, temporariamente, de uma série de punições reservadas à maioridade. Quando chegam aos 18 anos vivem a crise da perda de privilégios.

*“A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc constituem seu único abrigo. Fora desse material há, apenas, o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem” (BAKHTIN, 1995 – pp. 35-36).*

A palavra está presente em todos os atos de compreensão e de interpretação, é fenômeno ideológico e é o modo mais sensível e puro de relação social. Ela reflete as mais imperceptíveis alterações da existência social.

Segundo Bakhtin, na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a conquista e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, a identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado.

*Vai fazer 11 anos que eu estou na rua. As pessoas olham e falam:*

*- um moleque assim tão limpinho mora na rua ??*

***Não é porque eu moro na rua que eu vou me entregar à imundície. Eu procuro lavar a minha roupa.***

*A gente não teve culpa de vir para a rua, não. Todo mundo tem seu problema.*

*Eu não posso contar com minha mãe, ela passa um sacrifício fora de série, a única coisa que ela não quer é que eu faça besteira, mas isso aí eu não faço .... se fizesse eu falava, porque eu tenho que sobreviver. De um jeito ou de outro a gente vai levando a vida.*

Retomando as epígrafes: “Não Enche” de Caetano Veloso trata da expulsão do que não deixa espaço para o gozo, versus a inclusão da casa que não tem os elementos constitutivos de uma, mas que mantém o nome. Engraçada, mantida pela ironia da crítica. Ou pela necessidade de manter a casa como referência.



### 3.3 – A casa: perigo x proteção

*“... Mas agora o meu dia-a-dia  
é no meio da gataria  
pela **rua** virando lata  
eu sou mais eu ... ”*

(L. Bacalov, Sérgio Bardotti e Chico Buarque, em  
“História de uma gata”)

*“... **casa** cheia de coragem, vida  
Todo o afeto que há no meu ser  
Te quero ver, Te quero ser...  
Te busco, **casa** aberta...”*

**X** (Milton Nascimento, em “Anima”)

A rua se apresenta como um espaço transitório e problemático para o menino, assim como a sua casa. São espaços que exigem um tratamento diferente, pois possuem ética e concepções singulares.

A casa para este menino é perigo e não proteção, assim como a rua.

O menino de rua está fora deste lugar concebido para abrigar iguais, ele corre perigo, pois se encontra sem proteção. O menino se torna um estrangeiro, é o estranho, o bárbaro, o exótico. “Mora” na rua a procura do que não conseguiu encontrar em casa (a proteção no sentido mais amplo do termo). Estranhamente buscam na rua a sobrevivência e se deparam com a morte.

Estão sozinhos, abandonados e desprotegidos, em casa e na rua.

*“Temos espaços concebidos como  
eternos e espaços transitórios,  
espaços legais e espaços mágicos,  
espaços individualizados e espaços  
coletivos.*

*Todos que habitam uma casa  
brasileira se relacionam entre si por  
meios de laços de sangue, idade, sexo  
e vínculos de hospitalidade e simpatia  
que permitem fazer da casa uma  
metáfora da própria sociedade  
brasileira.*

*Tudo revela gritantemente como  
espaço público é perigoso e como  
tudo que o representa é, em princípio,  
negativo, na rua pode-se admitir  
contradições que são próprias deste  
espaço. A equivalência entre  
sentimentos ou moralidades, comuns*

*na rua, é perigosa em casa "* (DA MATTA, 1987 – pp. 47-57-58 e 64).

É muito grande a proteção que uma casa pode oferecer a seus residentes, tanto simbólica quanto afetivamente. Mas, mesmo no campo físico, quando ela abriga seus ocupantes através de paredes, telhado e chão, do mau tempo, por exemplo, ela traduz proteção, defendendo os habitantes do perigo.

Abrir mão da proteção da casa, mesmo que por “escolha forçada”, significa ter o perigo como companheiro. E, principalmente é ficar exposto, (em exposição na rua para que todos possam ver que o lugar do abandono é a rua (?) ).

Torna-se necessário entender que a mensagem que este menino transmite tem um caráter de resposta, pertinente ao universo humano. Ele fala ao outro que fala. O humano responde à forma e ao conteúdo. O sujeito responde ao próprio signo, tornando o ausente presente, mas é através da alteridade que se dá a perplexidade e a imprevisibilidade na relação com outro. Segundo Amorim, a alteridade faz parte da condição fundamental de uma comunicação, propriamente lingüística, própria do humano, que parecem faltar no mundo dos animais, mesmo superiores (1996 – aulas).

*Poxa, gente! Eu tô a fim que **vocês arrumam um lugar urgentemente**. Negócio de ficar de brincadeira não tá adiantando, negócio é arrumar um lugar para tirar os menor da rua porque os menor tão tudo ameaçado, certo?*

*A gente fica nessa aqui, não tá adiantando... Negócio de papo furado não vai levar a gente a nada, só vai levar a gente a morte. **Nós tamos tudo ameaçado**, os menores estão tudo ameaçados, nós **precisamos de um lugar para morar**.*

Uma menina descrente de que a casa algum dia possa vir a se tornar realidade, comenta que a única maneira de se deslocar da rua será morrendo.

Na “casa” (passado e futuro) a mesma impossibilidade, o mesmo becos-sem-saída.

O enunciado tem destinatário real: ela fala aos dirigentes do projeto que torna-se urgente sair da rua pois há ameaças que conduzirão o grupo a morte. Ela clama por um espaço (lugar) que a separe daquele contexto de rua, que a desloque da rua – lugar de perdas, lugar de morte.

Se no discurso sobre os meninos de rua, a tendência é de homogeneização – igualá-los, pasteurizá-los, nos discursos deles está a marca da “alteridade outra” dos que pertencem a grupos diferentes, rivais. Estrangeiros e inimigos: alemães.

*Os garotos quando é de rua vêm de várias áreas. Tem até esse problema de "alemão".*

Este grupo de meninos e meninas de Madureira se dizia formado por integrantes originários de : Vigário Geral, Praça Mauá, Méier, "grupo do asfalto" e meninas que fugiram do Instituto Santos Dumont.

Grupo que, como os demais, remete a sujeitos específicos na sociedade em geral:

*Esse dinheiro todinho que esse Collor, esses deputados todos, onde que eles enfiaram esse dinheiro todo? Eu não sei ... Ninguém sabe. Dinheiro do povo trabalhador.*

*Falavam que ia fazer isso e aquilo ..., creche, escola, tirar um pouco de menino da rua, não tô vendo nada disso... Tá aumentando mais e mais meninos de rua.*

Grupo que expressa, mesmo na rua, a necessidade das pessoas em casa como proteção:

*Eu tô passando por tanta coisa aqui neste mundo. **Depois que a minha mãe morreu eu fiquei largado assim, no meio do mundo.***

*educadora - Quanto tempo tem que sua mãe morreu ?*

*menino - Tem 1 ano e 3 meses .... eu tô aí nessa vida. **Eu já era de rua, mas não passava tanto aperto como eu tô passando agora que minha mãe partiu.***

Nas “casas outras” , as que não são próprias, janelas e portas não remetem necessariamente à proteção. O perigo está dentro, mora junto:

*Tem que ver como é o Padre Severino. Eu que não fiz nada, fui baleado, fui para o hospital de Quintino com a ajuda de vocês ... me mandaram para o Padre Severino ficar no meio de uns marginal, um pouco de bandido !*

*Colchão nem se fala no Padre Severino, **eu com medo de infeccionar**, tentava arrumar uma coberta limpa, eles falava: - Vai dormir ! Tapa com isso mesmo, não tem mais coberta não. **Se eu pegar alguém acordado, vai apanhar!***

*A gente não tá acostumado a dormir cedo, a gente tá acostumado a ficar com o nosso grupo, cantando uma música ou ficar conversando com nosso grupo o futuro do amanhã, o que vai ser da gente no meio da rua.*

A ordem para dormir cedo se choca com a necessidade da vigília. É preciso estar acordado. Atento. É preciso que esta vigília seja feita em grupo,

pelos iguais, em torno do fantasma do desconhecido. Os meninos da Terra-do-Nunca conversam sobre perigos reais. Sobre o perigo que vem dos encarregados de manter a segurança.

*E ali onde a gente ficava, na rodoviária, era melhor, mas  
aí **os seguranças não quer mais** que a gente fique lá, a  
gente tamos no asfalto.*

*menino – Mas não era tanto a gente, eram os outros. Não era a  
gente, mas a culpa era para a gente que fica lá. A gente que  
segura! Como tem ali um tal de Careca, um segurança, ele é  
um horror. Todo plantão dele, ele perturba a gente. E é só ele  
que perturba a gente.*

*Neguinho queima plástico e joga na cabeça da gente enquanto a  
gente tá dormindo. Eles vêm, risca fósforo e queima o jornal que a  
gente tá dormindo.*

*Por isso que a gente saiu do centro da cidade e veio para cá, para  
Madureira.*

***É todo mundo, é geral !** Lá no centro vêm aqueles  
"engomadinhos" , a gente tá deitado, eles passa risca um fósforo  
e queima o jornal todinho, queima os moleques.*

*Lá na Candelária mesmo, tem playboy, filho de papai e mamãe  
que tem dinheiro, vamos supor, passa já não gosta da gente, vê a  
gente dormir ali e pensa.- vamos implicar com eles...*

***Tem grupo de escola**, eles também não são flor que se cheira,  
passa e grita palavrão para gente. A gente agride eles. Eles fala  
que a gente é menino de rua e que a gente está agredindo os filho  
dele. Só que eles não tão vendo o que os filhos dele tão fazendo  
primeiro.*

A proteção, que mora na casa impossível, que não passa pela Terra-do-Nunca, é como que uma miragem. Não é encontrada na vigília, não está no tempo e no espaço concreto. Para vislumbrar a miragem, a droga.

Mas, como a proteção é só miragem, fica o grito do perigo. O apelo ao Estado, à lei, à função paterna, etc. Em nome dos menores, geralmente identificados por suas iniciais – sujeitos cujo nome não é dito - e em nome dos maiores. O clamor por alguém a obedecer.

*Parar de cheirar cola, parar de fumar maconha, parar de cheirar cocaína, o Marcão e a Marília poder colocar os menor na escola, os grandão num trabalho bem bão para a gente parar com essa vida de correr de tiro, arriscando nossa vida para roubar, roubar um Techno, um relógio qualquer... Poxa, ir para a boca de fumo, arriscado vacilar e tomar um tiro por isso.*

*Marília e Marcão têm que colocar os menores na escola, tentar **uma casa boa para menores e arrumar outras casa para os grandão.***

*Eu só queria falar que a gente tem que obedecer a Marília e o Marcão, porque se a gente não obedecer eles, quem é que a gente tem para obedecer? Ninguém!.*

Os meninos de rua estão expostos a vários tipos de violência: a morte simbólica perpetrada pelas instituições totais e/ou a morte radical decretada pelos grupos. De extermínio.

Esses grupos de extermínio encontram algum respaldo de nossa sociedade, que sem saber como dar conta de seus “filhos bastardos” podem incorporar o sentido “faxinas” em chacinas, como a da Candelária.

A sociedade chora mas quer a rua limpa”, dizia Ligia Costa Leite em entrevista à época.

Na verdade chorou por pouco tempo, lamentou enquanto o mundo se chocava com o assassinato de crianças no Brasil.

Como poderiam, esses meninos, objetos de medo, de horror da população, serem vistos como crianças?

A cola de sapateiro é a droga de que o grupo de Madureira mais faz uso. Viciados em cola, viciados em rua... A proibição do uso de drogas em locais de atendimento é lei sempre transgredida. A droga funciona como “saída” para o enfrentamento de riscos que este “tipo de vida” oferece, “protegendo” o menino, ou melhor, alienando-o através das “viagens”.

A droga também é motivo (pelo menos o oficial) para o fechamento de muitas instituições, trazendo de volta o menino para as ruas: desproteção e perigo.

Em falas como estas estão inscritas as vozes da sociedade que apela pela limpeza das ruas. Também estão a inclusão das regras sociais e a escola como lugar dos valores positivos, com a “expulsão” dos grupos da escola que “também não são flor que se cheire” . Está parar de cheirar cola.

### **3.4 – A casa: alimento x fome**

*“ Na minha vida uma saudade meiga  
Soluçou baixinho ...  
No meu olhar,  
Um mundo de tristeza veio se aninhar ...  
...E eu fui andando pela **rua** escura  
pra poder chorar” .  
(J.Ribamar e Dolores Duran, em “Pela Rua”)*

**X**

*“... Toda **casinha** feliz  
ainda cozinha no fogão de lenha  
ou fogareiro de carvão.*

*Onde resiste o sertão  
Toda **casinha** é feliz  
Porque à tardinha  
Tem Ave-Maria  
E o beijo da solidão.  
(Gilberto Gil, em “Casinha Feliz”)*

Enquanto aquela rua escura é lugar de chorar, “toda casinha é feliz ... “

*“... o tempo ordinário do trabalho é marcado pela família e pelas rotinas da manutenção do corpo: comer, dormir, reproduzir-se, sustentar vários níveis de satisfação mínimos com a comunidade em geral, com o grupo primário e com o indivíduo em particular. Desse modo, a família pode ser a unidade mais importante e o sujeito da maioria dos processos básicos de um sistema, nas rotinas, espaços específicos estão equacionados socialmente a atividades específicas.*

*Não dormimos na rua, não fazemos amor nas varandas, não comemos com comensais desconhecidos, não ficamos nus em público, não rezamos fora das igrejas, etc... ” (DA MATTA, 1987 – pp. 41, 44 e 45)*

Não se tem notícia que algum menino de rua tenha morrido de fome. A “escolha forçada” da rua como moradia é uma opção de sobrevivência, por mais paradoxal que pareça, é também a rota de fuga da fome. A rua como espaço de perdas e danos, e alguns “ganhos”.

Suas famílias, muitas vezes, mudaram seu itinerário para fugir da fome: do nordeste para as favelas do Rio de Janeiro. Mas, o rompimento do menino com a casa de origem nos faz pensar que é outra a sua fome.

O significado mais imediato de “alimentar-se” como o de suprir fome fisiológica em momento específico, é fato que estes meninos dão conta, de uma forma ou de outra, como eles mesmos dizem “mau ou ruim”, vão se mostrando “invencíveis” nesta batalha pela sobrevivência.

O importante é que, ao se falar de alimento x fome, “*tracemos aqui o esboço da infância pobre no Rio de Janeiro, e tenhamos como pano de fundo as*



*densas questões psicológicas, existenciais, morais, físicas e econômicas (grifo nosso) que sempre cercaram o mundo infantil ou atormentaram o adolescente, para que o esboço não retenha apenas o plano achatado da falta de residência. Meninos de rua, trazem em si as marcas de um fracasso coletivo, um fracasso social, um fracasso político" (SILVA e MILITO, 1995 – pp. 24 - 30 ).*

Um desejo expresso é o do alimento básico:

*Eles dão roupa para o orfanato. Tá certo, eles precisa... mas os pessoal do orfanato é tudo bem melhor que a gente, lá eles tem a hora do café deles, tem a hora certa do almoço deles.  
**A gente come um dia, no outro a gente não come.***

Outro desejo é o de comida farta. Para todos:

*menino – **Se for dar ½ galinha pra um, tem que dar pra todo mundo, porque aqui ninguém é melhor do que ninguém.***

Outro, ainda, é o da comida desejada. A que se come por prazer e com prazer. Sem ter que dividir com tanta gente. A que, na rua, pode ser roubada. Ou tomada de volta:

*menina - Tô com tanta vontade de comer uma lata de leite-moça cozida na panela de pressão, se a senhora puder comprar para mim, me dá **escondido** para eu comer ela todinha.*

*educadora - Escondido, eu não posso não! Tem que ser para todo mundo...*

*menina - Então não quero não, já pensou uma latinha dividida para essa muvuca?*

*educadora - Quando a gente puder, tá certo? Se você estivesse na rua...*

*menina - **Se eu estivesse na rua, eu roubava.***

O alimento desejado é o que fortalece. E que tem concretizações diferentes:

*O problema é o seguinte: **aqui tá todo mundo querendo se fortalecer.***

*Poucos tira que não se aproveita, que não tem jeito mesmo. Aqueles que tem que se aproveita, tem que se unir todo mundo e se fortalecer. Porque não adianta, a gente chegar ali e pede **um prato de comida, eles acha que a gente tá novo, com disposição para trabalhar ... mas ninguém dá serviço a gente.***

*Não temos um documento ! Eu não tive o apoio da sociedade, não tive nada. Dá até vergonha falar nisso, mas tem que falar, porque errar é humano, mas persistir é burrice.*

*O que todos nós queremos é a união. Um trabalho para a gente, porque disposição para trabalhar eu tenho.*

*Aqui ninguém dá nada pra gente não, mas agora também, não é porque a gente tá aqui, que a gente vai fazer besteiras, vai roubar aqui para perder o nosso sossego. Eu falo para eles: aqui nós temos que ter uma paz, uma tranqüilidade, que mesmo se os homens chegar, não vai ter nada não, não temos onde dormir, eles vai compreender.*

*Só não quero é roubar aqui ! Já pensou, tá dormindo e ser abordado ?? Eu acho que a pessoa que quer fazer qualquer coisa,*

*isso é da cabeça de qualquer um. Eu não tô na cabeça de ninguém, mas **procura fazer pra longe...***

*Se unir todo mundo, a gente até poderia melhorar.*

*Tirar um pouco da metade que tá na rua para poder se levantar e sobreviver.*

*Dá forma que tá levando, ninguém dá nada mesmo pra gente, que que tem para fazer ? Pede aqui, pede ali, ninguém dá, nego vai e mete a mão.*

*Mas isso, graças à Deus, não tá acontecendo aqui. **Mau ou ruim a gente ainda tem alguma coisa para comer.***

Mau ou ruim parece representar a alternativa: confinamento ou rua. Em ambos, a falta de alimento. Nos seus diferentes sentidos.

Bom mesmo (nem mau, nem ruim) é poder estar satisfeito.

Um estado presente em poucas falas. Um estado que requer alimentos diversos.

*No Barracão era um conforto para a gente. Tirava a gente da rodoviária e a gente se divertia. Tinha um pagode para a gente bater, tinha uma capoeira, uma escola para a gente estudar, um negócio para a gente comer... a gente já vinha **satisfeito** de lá.*

Tentam sobreviver nas ruas, buscando suprir uma fome, saciar um desejo, que nem eles mesmos sabem qualificar, humanos... mas diferentes. Estabelecer o estranhamento como ponto de partida, demarcando diferenças e distinguindo-as das desigualdades, talvez seja o melhor caminho.

Vivente extravagante, dono de seu destino, cujo modo de organização para a sobrevivência assusta e interpela exigindo de nós uma escuta. Voltamos a nos interrogar sobre as escolhas, desejos, opções...

" – Você tem fome de quê? A gente quer prazer para aliviar a dor. A gente quer a vida como a vida quer. A gente quer dinheiro e felicidade. A gente não quer só dinheiro. A gente quer saúde para qualquer parte. A gente quer inteiro, e não pela metade" (Arnaldo Antunes, Sérgio Brito e Marcelo Frommer, em "Comida")

### 3.5 - A casa: gente da casa x gente da rua

"Saudade da terra, que longe deixei,  
E onde nasci.  
Saudade do povo, da gente que amei,  
Mas que já perdi.  
Saudades das **ruas**, e rios e fontes...  
... De tudo, saudade!"  
(A.J.S. Monteiro, em "Que noites eu passo...")

**X**

"De outro dono  
Outro fumo, uma outra cinza  
Outra manhã  
Mordo a fruta  
Outro é o sumo  
Ando pela mesma **casa**  
Com outro prumo."  
(Luiz Cláudio Ramos e Chico Buarque, em "Outra Noite")

Para falar desses meninos, dessa gente da casa e da rua, dessa gente que é reconhecida pelo lugar de origem, que tem sua identidade marcada pelo espaço, e seu nome é seu espaço enunciativo, é importante *"historicizar a infância, o que significa buscar em cada formação social, a configuração prevalente de significados a ela atribuídos articulando-os ao leque de significações que, no imaginário social, se relacionam com os diferentes momentos da trajetória de vida, desde a concepção até a morte"* (RABELLO, 1996 – p.1).

Para Bakhtin um texto só se revela através de um outro texto. Todo discurso só poderá ser interpretado na relação com outro discurso, pois a palavra vai à palavra. Ela é habitada por uma multiplicidade de vozes. A palavra não fala sozinha.

Só existe discurso se houver produção de sentido. Compreender é entender o movimento dos sentidos.

Para dialogarmos com os personagens da casa e da rua, narraremos um fato ocorrido com um menino atendido pelo Projeto “Se essa rua fosse minha”, organização não – governamental (ONG) que também trabalha com meninos e meninas em situações especialmente difíceis e de risco.

Compreender é opor uma contra-palavra, é interpretar sempre.

O texto a seguir vai se “contra – dizer” ao texto dos meninos de Madureira, pois para Bakhtin, a palavra é arena, onde se confrontam os valores sociais contraditórios .

Certa vez o adolescente I., ao escolher sapatos que foram doados, optou por um par de tênis visivelmente surrado e bem maior que seus pés. Era o par mais velho de todo o lote, mas possuía marca conhecida e de alto preço no mercado. I. calçou o tênis e colocou os pés em cima da mesa, afirmando: “- *Agora eu sou um milionário!*” Os outros meninos zombaram a escolha de I. dizendo que apesar do tênis possuir “marca” era muito velho, concluindo que ninguém daria um tênis novo e de marca para meninos de rua. No final do atendimento, I., deixou o tênis na instituição e voltou para as ruas descalço dizendo que ele ainda teria um tênis novo daquela marca, nem que fosse roubado.

Os pobres usam roupas que lhes são doadas. A sociedade não veste indiferentemente todas as classes sociais, preocupa-se em manter visíveis através da roupa os degraus da hierarquia social.

Os hábitos de vestir, portanto, não são apenas uma frivolidade.

A relação entre o tênis e a compreensão daquilo que ele representa está aqui bem marcada. Não devemos esquecer a importância que o tênis tem em

nossa sociedade para os adolescentes. Muitas vezes ele representa um capital elevado.

I., tenta dissimular seu estado social e seu nascimento, nem que para isso ele precise roubar. Ele quer fazer parte do grupo social, economicamente superior ao seu e ameaça roubar a identidade perdida, a marca da classe média.

Ele não pode usar este tênis porque é pobre e não pode estudar porque é pobre também.

É do lugar do pobre que fala esta gente, o povo da rua.

Quem é a gente da casa para quem vive na rua? E quem é a gente da rua? Seria esta a gente de casa?

Também há a gente da casa, da família, ainda que com essa gente não dê para morar. E, neste sentido, são todos estranhos.

É o que sugere, por exemplo, esta música de autoria do grupo:

*Moro em Madureira*

*Oh, que sensação!*

*Moro num lugar*

*Onde só tem sangue bom*

***O lugar aqui***

***É muito bom***

*Final de semana*

*É pura diversão*

*Fomos para a rua*

***Zoamos no sapatinho***

*Encontrando a galera*

*Ficamos bem quietinhos*

*Mas esta **rua de amargura***

***Me traz muita confusão***

*Me deixa muito nervosa  
 Ficar dormindo só no chão  
 Vamos levantar  
 Vamos levantar, irmão  
 Nesta rua de amargura  
 Não agüento mais ficar  
 Tudo vai depender da nossa **união**  
 Os menores não agüentam  
 Continuar dormindo no chão.*

e

*Nós somos condenados pela nação, como todo mundo sabe. A gente por enquanto está podendo sobreviver um pouco, um ajudando o outro, aqui no meio da rua, para ver se a gente supera esta condenação que o governo condenou a gente.*

*Eles só sabem é embolsar o dinheiro. **Então nós que somos de rua temos que ser a união.** Todo mundo sabe que a união faz a força. Então a gente espera que um dia, Deus, ou alguém, faz alguma coisa por nós, pelo menos para a gente poder morar, para a gente ter a nossa vida mais tranqüila, porque aqui no meio da rua passa carro de vez em quando, bota um temor na gente, os outros vêm já quer mandar expulsar a gente daqui...*

De novo, a palavra união. União dos meninos da Terra-do-Nunca, contra o outro. O inimigo. O de sempre, panóptico (Foucault, 1977): está por toda parte, espreitando, vendo tudo.

Gente de rua é gente que não tem casa e que, nesses termos, adquire o sentido da gente de casa. Não é um qualquer lugar na rua que se pode ficar. E a gente de casa na rua onde fica a casa institucional precisa dialogar com os meninos da Terra-do-Nunca.

**- A senhora tem que dar uma oportunidade, um espaço a gente pra que eles percebam que nós não somos totalmente isso que eles estão imaginando de nós.**

*Para mostrar isso a eles, nós temos que ter um espaço, uma oportunidade de andar civilizadamente. Até então nós tamos entendendo a posição da senhora, tamos entendendo onde a senhora quer chegar, mas também nós estamos ciente que viemos para cá para mudar, para ter uma opção de vida e nós jamais vamos arrumar problema onde nós estamos morando.*

*Se houver algum tipo de desavença entre um aluno e um morador do local, a gente vai chegar, vamos conversar, até pedir desculpas, talvez, se possivelmente for. Há não ser se não der, tapa na cara também se der na gente, a gente também vai dar.*

O dialogismo é um modo de lidar com a alteridade (Konder, 1996). Ainda que o coro das vozes seja muito desafinado e tecido por um feixe de contradições. Como no caso da menina que, falando do lugar de mãe, interdita à filha a cola e, do lugar de menina, não nega que aceita, mesmo negando ser viciada, no ato de negar a interdição da cola:

*menina - Se a minha filha cheirar cola, eu quebro ela.*

*educador - Você não tem moral para falar isto com ela. Ela ainda não cheira, mas está sempre te dando cobertura para você cheirar.*

*menina - Não é porque eu faço que meus filhos vão fazer. Eu cobro deles mesmo!*

*Aqui na casa geral cheira. O único maior aqui que não cheira é o Mamão. Eu não tô trazendo cola não. Eles falam que é pra mim, mas não é. Agora, eles sabem que eu gosto de cheirar, me oferecem, me dão um pouquinho, e eu não vou negar que aceito porque eu aceito.*

*Mas é uma tentação... Eu não sou viciada não. Eu posso ficar um, dois anos sem cheirar, mas se alguém cheirar perto de mim, a vontade vem, sai de dentro: cheira, cheira, cheira... aí eu cheiro! Fora disso eu não cheiro.*



*Eu estou sendo sincera, acreditem em mim, se vocês quiserem. E tem mais uma coisa: é mentira quando eles falam que vão parar de cheirar cola. Tinha que falar que ia parar porque tava geral ameaçada na rua, aí inventa esse “caô” que aqui na casa não vai cheirar... Não para, não para porque eu sei que não para.*

As vozes são muitas e se entrecruzam. Como no recorte do jornal, em matéria que se pretende organizadora das vozes da rua, no diálogo com a gente de casa. Gente da casa onde “não dá”. E meninos de rua em foto desfocada que, ainda assim, remete à multiplicidade da gente de casa na rua:

### 3.6 – A casa: na rua – sem pouso x parada obrigatória – o xadrez

"111 presos indefesos, mas presos são **quase** todos pretos ou **quase** pretos ou **quase** brancos quase pretos de tão pobres e pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos. E se ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual, notar um homem mijando na esquina da **rua** sobre um saco brilhante de lixo do Leblon, pense no Haiti, reze pelo Haiti. O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui."

(Gilberto Gil e Caetano Veloso, em "Haiti")

"Quando você for convidado pra subir no adro da Fundação **Casa** de Jorge Amado, pra ver do alto a fila de soldados, **quase** todos pretos dando porrada na nuca de malandros pretos, de ladrões mulatos e outros **quase** brancos tratados como pretos, só pra mostrar aos outros **quase** pretos (e são quase todos pretos) e aos **quase** brancos pobres como pretos como é que pretos, pobres e mulatos e **quase** brancos **quase** pretos de tão pobres são tratados..."

(Gilberto Gil e Caetano Veloso, em "Haiti")

Aqui os opostos estão numa só música. Constituem a contradição do lugar que é e não é. Do lugar que é **quase**.

Como na música gravada espontaneamente no sítio Repousar:

Sou menor de rua

Não tenho onde morar

*Paro em Copacabana*

*Durmo em qualquer lugar*

*Posto 1 ou Posto 2*

Lá vou eu mais uma vez

*Andando nas areias*

*Sempre pensando no xadrez*

Meninos sem pouso, parando aqui e acolá, inclusive na casa institucional, como que a caminho da reclusão obrigatória da instituição também total: prisão.

Meninos ... quase adultos, meninos ... quase presos.

Como os meninos da Terra-do-Nunca se relacionam com o sítio Repousar? Que repouso é esse? Que sentidos atribuem a essa espécie de suspensão do seu eterno vôo para o nada?

É importante tecer algumas informações quanto a este espaço (dentro): o sítio Repousar. A idéia original da ONG IBISS (Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social) era a de reservar este espaço a doentes, doentes terminais que necessitavam de um lugar para repouso.

Antes dos meninos, uma senhora com tuberculose em estado terminal passou seus últimos dias neste lugar. Um repouso hospitalar humano.

O sítio Re-pousar nos remete a:

pouso            ➔      dimensiona o vôo e é lugar de procriação.

repouso        ➔      descanso “dobrado” e é recolhimento.

É também um lugar de espera / encontro. Encontro marcado com a morte.

Estes meninos são meninos pássaros – precisam voar, não possuem muita disposição para repousar.

Nômades, sem pouso...

*Eu cheiro cola para tentar esquecer os problemas. É um tipo de diversão pra mim. Mesmo assim eu tento desistir, mas acho que já virou um vício. Já tentei parar, médico eu já fui, passei meses e mais semanas, fui até em psicóloga. Tentei de tudo para parar com a cola, mas eu preciso da cola*

*para esquecer os problemas, as coisas que acontecem comigo em casa e na rua, a única coisa que pode fazer eu esquecer a cola é o presídio.*

Há uma voz no discurso político atual que não responsabiliza ninguém. É como a rua, de todos, posto que é pública e, ao ser de todos, é de ninguém.

Nômades, sem pouso ...

A parada obrigatória é o xadrez: “única coisa que pode fazer esquecer a cola” e que tira da rua – que assim como a droga, também “vicia”. Na prisão as portas exercem a função de proteger espaços, devidamente “enjaulados”.

Exclusão tornada concreta. Radical.

Mantê-los presos do ponto de vista da voz social hegemônica, é “alimentar bandido” com o dinheiro público. Fica a imagem da jaula com o letreiro acima da cabeça do bicho, dizendo: Não dê comida aos animais.

O discurso é o caminho percorrido pelo sujeito, seu destino é um lugar que enuncia identidade, é o menino da rua. Morrem ainda meninos, na rua, ou passam a vida dentro das prisões. Permanecem presos ao significante meninos de rua.

*“Desnudando o real com certa crueza, a presença dos meninos e meninas de rua faz o encontro da população com um mal-estar que leva a atos assustadores. Apreensão e confinamento é a medida encontrada?” (FERREIRA, 1993 – p.39)*

*“A política social vigente, o discurso que ela engendra e a materialização deste discurso em atos institucionalizados – seja pela família, pela escola e pela sociedade – estão deslocados quando se ‘descreve’ o adolescente infrator” (MELO, 1996 – p.8).*

É importante superar o foco meramente descritivo para a compreensão das narrativas desses meninos: ouvir as vozes que narram suas histórias é uma condição necessária, embora não suficiente, para transformá-las.

### 3.7 – A casa: lei x transgressão

*Há uma **rua** onde o mundo principia  
 Numa fantasia de se admirar  
 A vida é feita, de madeira e cola.*  
 (Danilo Caymmi, em "Um Sonho Maior")

**X**

*"... As **casas** tão verde e rosa  
 Que vão passando ao nos ver passar  
 Os dois lados da janela  
 E aquela num tom de azul  
 Quase inexistente azul que não há  
 Azul que é pura memória de algum lugar..."*  
 (Caetano Veloso, em "Trem das Cores")

As janelas das casas têm pelo menos dois lados.

A principal dificuldade que as instituições encontram no atendimento desta clientela de rua, talvez seja o uso abusivo de drogas dentro e fora do espaço institucional.

De uma forma ou de outra, ela está sempre presente nos acontecimentos mais radicais, sendo capaz de alterar o curso da história (história institucional, é claro) ora como "figura" principal, ora servindo como "pano de fundo".

É possível se fazer um mapeamento do uso de drogas pela população de rua carioca. O grupo de Madureira consome mais a cola de sapateiro por se tratar de um grupo mais (ainda) pobre.

Estes meninos e meninas diferem, e muito, no que diz respeito ao vestuário e ao comportamento - a aparência como um todo - na roupa embalagem e no conteúdo - hábitos e atitudes do grupo de meninos e meninas que sobrevivem nas ruas de Copacabana, que consome maconha e cocaína.

Com uma latinha ou garrafa de cola, davam sempre a impressão que estavam com uma mamadeira. Era muito comum observar uma postura semelhante **a de um bebê mamando**.

*"A droga funciona como um tipo de 'amortecedor' para o corpo que cai, padece das brigas, torturas, frio e fome. É o que faz a 'coragem' para enfrentamento dos riscos que a rua impõe. O que também possibilita algumas 'viagens'. Sonhou com um prazer que o corpo desconhece ou já esqueceu. Tem isso que poderíamos chamar 'circunstancial' da droga, na medida em que faz parte das estratégias de sobrevivência."*

*Desse modo, entendemos que esses sujeitos estão 'intoxicadas' pela rua. "A rua é uma droga"*

*(Ferreira, 1993 – p. 36).*

*"Eu me sinto forte, pego qualquer um quando cheiro cola..".*

*"Eu me sinto no mundo da lua, ... me sinto outra pessoa"- dizem eles*

Faz-se necessário entender a droga também como fonte de prazer e todo malefício que traz consigo não é compreendido por esse menino que consome tudo imediatamente, a lógica do seu tempo é outra:

*"...A minha saúde não estraga não. Eu cheiro há um tempão e a minha saúde não está estragada. Cola é saúde!"*

A cola é saúde porque a rua é uma droga? Talvez a pergunta permita aprofundar o diálogo com o sentido da alteridade para os meninos da Terra-do-Nunca, na sua versão dionisiaca (Amorim., 1996).

Dionísio representa todas as situações que tornam possível viver o outro no próprio eu ao ponto de ficar irreconhecível.

Amorim, M. (1996) nos ajuda a entender a alteridade produzida pelo uso de drogas entre os meninos de rua, através da figura de Dionísio: divindade da embriaguez, do vinho, do transe.

*Eu não gosto de cheirar muita cola. Eu só cheirava muito quando estava grávida, era a vontade minha e do meu neném, certo? Quando eu cheiro é porque eu sinto uma sensação de troço ruim dentro de mim, vontade de fazer maldade.*

*Mas peço aqui que meus amigos tudo saia da rua, e fique todo mundo direito na casa e nada de cheirar cola se não isso vai atrapalhar o nosso lugar de ficar. (Tina)*



Trata-se da resposta de Tina a entrevista que ela mesma conduzia nas ruas de Madureira.

Tina teve três filhos, sendo que sua segunda filha desapareceu de forma bastante suspeita. É cogitada a hipótese dela ter “vendido” a filha. Morreu em 1997 em decorrência do uso abusivo de drogas. Seu companheiro e o pai de seus filhos atualmente se encontra preso.

A tensão provocada pelo contato direto destes adolescentes com as instituições e seus profissionais, é capaz de irromper de modo violento e imprevisto, liberando o “outro” e mudando “como um Deus o curso da história”. (Gilberto Gil, em “Super Homem”).

*"Escutar a relação que cada sujeito tem com o objeto droga, e a função que desempenha para o sujeito. Do contrário, estaremos sempre às voltas com a transgressão da impostura de uma lei"* (FERREIRA, 1993 – p.36).

Bakhtin, como pensador da tensão, não da resolução, abre para a problematização ao dizer que compreender é entender a mobilidade da alteração.

A cola é contra a lei. É transgressão a ser punida. E essa noção também está incorporada à fala dos meninos, quando comentam sobre o Martelinho:

*Martelinho tem uma cara de maior, acharam que ele era o responsável, que ele distribui a cola para os menores. Por isso resolveram pegar ele.*

*Se não tivesse cola, ninguém pegava ninguém... nem Exército, nem polícia.*

*menino – Ninguém consegue largar a garrafa, porque depois que começa a cheirar, ninguém consegue largar, só quando seca. E*

*quando larga a garrafa seca mesmo assim, ninguém consegue para, um tomo a garrafa do outro, sai briga...*

*e*

*O problema é esse, tem que arrumar um espaço para poder botar eles para ficar longe da cola e sempre manter a atividade.*

*Quando um tiver jogando bola, o outro tá estudando. Não deixar eles sem atividade, senão só vão pensar na cola. A preocupação maior é o fato da cola. Para esquecer tem que ter atividade direto com eles, união de todos.*

*Eu não cheiro cola, mas eu não posso tirar a cola de um, se o outro lá tem. Depois o outro vai, compra a lata de cola e divide para to mundo. Não posso sair pegando eles.*

A união futura sonhada e o presente no fundo da lata.

Seca. Menores não tem direitos. Por outro lado, menores não podem ser levados às prisões dos “maiores”:

*Quem quiser cheirar cola que saia, depois a consciência deles vão pesar, uns vai parar de cheirar.*

*Vai ter um dia que todo mundo vai se **unir** e decidir o que vai ser da nossa vida. Vamos trabalhar, outro faz um biscate, outro faz alguma coisa, tudo para ajudar. **A gente não temos nada na rua.** Uns pouco perderam a mãe, poucos foram expulso de casa, poucos não podem ir para casa. Todo mundo fica aqui **na rua perdido.***

De qualquer modo, o outro lado da liberação do “outro” em si, a via dionisíaca, remete à possibilidade de transgressões que podem destruir o próprio

grupo. Seja perdendo um pouso, seja a perda radical da “gente de casa”, como parece ter sido o caso de Negueba no enredo da Chacina da Candelária.

**A imagem:** Os dois olhos colados no nada. O que se mostra visível, olha para o nada.

### 3.8 – A casa: vida x morte

“... Se essa **rua** que caminha sem saída, fosse minha...  
 Como dono do lugar ...  
 ... eu queria então cantar  
 pra afastar a solidão da minha vida ...  
 ... Ah, se essa **rua** que me deixa de partida, fosse minha! ...  
 (Edu Lobo e Cacaso, em “O Dono do Lugar)

X

“... uma **casa** antiga alegre e avarandada.  
 Guarda seus meninos corpo protetor.  
 Mariana e Gabriela agora dormem  
 Feito num quintal repousam, fruto e flor.”  
 (José Renato e Juca Filho, em “As Moças”)

A trajetória desses meninos é marcada por três rupturas radicais: a ruptura com a família, com a escola e com a comunidade – rupturas que os levam a um percurso muitas vezes sem volta.

Funcionava como um escudo protetor a frase várias vezes dita pelos meninos: - *Eu não tenho nada a perder!* Ao “perder” a casa e “optar” pela rua, parece que a travessia entre vida e morte se torna tênue.

Sabemos que poucos meninos atingem a maioridade, morrem muito cedo nas ruas, ou terminam seus dias confinados em prisões – onde de uma forma ou de outra, é produzida a “morte do sujeito”.

Com o grupo de Madureira, a história não está sendo diferente: estão morrendo ainda meninos... e na rua. Muitas vozes que ouvimos nesta dissertação já se calaram. A maioria. É o espaço enunciativo rua, anunciando morte.

Com o rompimento da casa materna, “os meninos tomam as ruas, praças, inaugurando um novo lugar de agressão para suas vidas: a rua, fazendo o trajeto de casa para a rua, da vida à morte” (GUIMARÃES, 1996 – p.6)

No imaginário social, a representação da infância é ainda bastante idealizada. Esta representação, contraditoriamente, não pode ser considerada ausente nas falas dos meninos da Terra-do-Nunca, ainda que o chamado “menino de rua” inscreva a infância em outro registro de identificação; revele-nos um outro lugar para o menino, ao romper com o estabelecido. Marca a singularidade, lugar onde o gênero discursivo da relação adulto e criança vai nos revelar alguma coisa. Talvez não se saiba que criança é esta, mas com certeza, descobriremos a singularidade produzida neste gênero ao discutirmos as especificidades da trajetória destas crianças. Optar pelo estranhamento como o melhor caminho e entender que diferença não é desigualdade. Estranhar o diferente de mim e perceber no familiar aquilo que pode me ensinar de novo.

Entender o diferente para não discriminar.

*Outro dia em Madureira, morreu três, na frente da igreja. Pessoal aqui faz **extermínio para matar a gente**. Estavam dormindo na rua ...*

*Você sabe que aqui tem viado, né ?*

*Veio uns cara aqui e falou:*

*- Pô aí, paga boquete ? Vai ter de dar senão a gente vai botar terror aqui.*

*Queria Rudy a força para estrupar.*

*Pessoal vê a gente cheirando cola, pensa que a gente rouba também, mas a gente usa tóxico para tirar a fome.*

*O pessoal vê isso, vê a gente, e comenta: - Eles são tudo ladrão, maconheiro, vão roubar a gente, aí contrata um pessoal – que bebe uns negócio, cheira também, que esse pessoal cheira cocaína, ficam pancada e aí quer matar a gente. São contratados para matar ...*

*A sociedade pensa que a gente somos as piores coisas que existe, mais pior são os playboys ... Vê se a gente tem arma **aqui** ?*

Os meninos da Terra-do-Nunca convivem cotidianamente com a possibilidade da morte. **Aqui**, no núcleo do cronotopo, neste tempo-espço, presente perpétuo vivido em espaço público. **Aqui**, a morte é resignificada como extermínio.

*Eu acho que essa vida da rua, a gente aí no frio com fome, não tá adiantando nada não.*

*As pessoas fazem um projeto, o governo vai e acaba, então pô, se construir um barracão, uma casa de acolhida para gente, acho que a criminalidade vai diminuir. Pelo menos vocês estão tentando ajudar a gente a estudar, fazer eventos, acho que tira esse negócio da cabeça da gente de cheirar cola, cheirar cocaína, fumar maconha ... acho que a gente vai ter outro divertimento porque o divertimento da gente é só cola mesmo, por causa do frio, por causa da fome, tá entendendo ?*

*Se tivesse uma **casa de acolhida** para gente, **a gente pode até tentar melhorar ...***

*Porque se a gente continuar **aqui**, puxa, a gente vai ... , **não vou mentir não**, a gente vai roubar, a gente vai cheirar, a gente vai fumar.*

*A tendência é essa, porque não tem ninguém para ajudar a gente a comer. A gente pede e ninguém dá nada, então **a gente vai ter que tirar da sociedade porque não tem ajuda da sociedade.***

As condições concretas de existência aqui sustentam os discursos da reivindicação e da justificação que, por sua vez, remetem à proposição da lei “daqui”. Uma lei reativa à falta de ajuda. A todas as faltas vividas.

Arma aqui, quando há, pode ser “de brinquedo” . A que pode ser posta pelo jornal como “arma falsa”.

Quando a morte sempre possível, acontece, é noticiada em termos que se aproximam do campo semântico da faxina. Enquanto isso,

“tá lá o corpo estendido no chão ...  
... ídolo de poeira, marafo e farelo,  
um deus de bermuda e pé de chinelo,  
imperador dos morros, reizinho nagô,  
o corpo fechado por babalaôs ...  
... e fechei minha janela de frente pro  
crime.”  
(João Bosco e Aldir Blanc, em “De frente pro  
crime” e “Tiro de Misericórdia”).

Sem atrapalhar os caminhos de ir e vir, é o que sobra do “ladrãozinho”. Seus corpos não caem, “se esparramam” . E eles não morrem, “cantam pra subir”

Sua morte no jornal é outra:

Depoimento de Luciano sobre a morte de Thor, em 16/11/94. Quando se refere a uma morte anterior, estava falando do Xande.

*educadora - Depois do que você passou eu acho que você está menos traumatizado...*

*menino - Mudei um pouco ... Não estou pensando mais em roubar. Estou pensando em trabalhar. Tenho que trabalhar agora!*

*educadora - E como foi? Você lembra?*

*menino - Um pouquinho... Estava eu, Thor e mais uns três, eu acho. Thor viu uma mulher em cima da ponte e nós puxamos o relógio da mulher. Ela começou a gritar..., aí veio um cara e pegou o Thor, só ele. Eu voltei..., e aí ele pegou nós dois e colocou a gente dentro do carro e começou a rodar. Tinha outro cara dentro do carro que falou com a gente: - Vocês estão dando sorte...*

***Ficaram um tempão procurando um lugar para matar a gente.***

*Rodou Madureira todinha, Praça Seca, quando chegou em um certo ponto, na Valqueire, mandou a gente descer, deu uns tapas na gente, encostou a gente na parede e mandou o Thor virar de costas. Quando ele virou o cara deu um monte de tiros nele. O Thor tava cheiradão e não tava acreditando que eles iam **matar, ele ficou rindo, morreu rindo...***

*Eu fiquei conversando com os caras para eles não querer matar a gente, mas ele atirou, o tiro pegou na minha mão e eu corri... Eles entraram no carro e foram embora.*

*educadora - Como era esse carro?*

*menino - Preto com um pouquinho de verde.*

*educadora - Verde-escuro?*

*menino - Era. Fiat verde-escuro.*

*educadora – E os caras?*

*menino – A cor?*

*educadora – Como eles eram?*

*menino – Um cara era pretinho com bigodinho e baixo, o outro, branquinho, alto, meio fortinho cabelo cortado bem baixinho.*

*educadora - Eles fizeram mais algum comentário durante o trajeto?*

*menino - Eles falaram que a mesma coisa que tinham feito com um iam fazer com a gente. Pelo jeito foi com o **falecido Xande**, ele morreu em Madureira... Eles não falaram o lugar que mataram.*

*educadora - E o motivo... por que vocês estavam querendo roubar naquele dia?*

*menino - Era para levar dinheiro para casa. O Thor eu não sei... era para cheirar ou dar para Carina (namorada), não sei não...*

*Uma vez esses caras apareceram e fizeram ameaças. Roubaram a prima do escurinho e ele foi até lá para ver se era um de nós, mas não era nenhum da gente. Eles disseram que se tivesse roubo, eles iria lá para matar a gente...*



*Eles ficaram falando que a gente queria agredir a mulher mas era mentira, eles queriam mesmo era matar a gente.*

Do Thor, mensagens que dimensionam a casa sonhada. “Uma casa com família”, cuja imagem difere das casas comuns. Talvez com olhos e bocas em lugar de janelas e portas. Uma casa muito segura. Capaz de fazer frente ao risco de vida.

*Eu acho que a casa devia ser aqui em Madureira, porque aqui é um lugar tranquilo.*

*Vim de Madureira. Vim pra sobreviver. Tô achando legal essa casa. Melhor que nós ficar na rua. Na rua é prejuízo. **Na rua nós tudo tá correndo risco de vida.***

Esta foi a resposta de Thor à pergunta sobre o local onde deveria ser construída a casa-lar abrigo do projeto.

De Thor, logo após a sua morte, fala a educadora Marília:

*“Thor era inteligente, alegre, sensível, líder nato, vaidoso, não admitia covardias, era irreverente, sensual. Identificava-se com a capoeira, adorava música e artes plásticas, sempre dando idéias para as cenas de teatro.*

*Nasceu no dia 10/09/78, e desde 87 estava nas ruas, sendo que em Madureira, desde 93. Sempre achou as escolas chatas e só aprendeu a escrever o apelido.*

*Carinhoso e brincalhão acreditava que o sonho da casa iria acontecer um dia em Madureira. Pediu ao Rudy, seu colega de rua para escrever estas mensagens no dia anterior ao seu assassinato.”*

A morte aqui faz um barulho muito presente: Pou. A menina (a quase): Gabriela que relata esta história violenta, será em seguida impossibilitada de contar sua própria história.

***Levanta todo mundo, senão vai cair!***

*Eu tonta de sono, sem conseguir levantar não tava entendendo nada com aquela arma gelada na minha cara.*

*Levanta, levanta...*

*O meu filhinho de 3 anos do lado começou a gritar.*

*Cala a boca, menino! Cala a boca... Isto é só com os maiores, com os grandinhos. Você fica quietinho senão sobra pra você.*

*Levou a gente tudo lá para cima. Chega lá ele pegou o Washington, o Martelinho e o João e queria matá-los. O Periquito correu e botou eu e a Confusão na frente e aí ele disparou “**pou**”, o 1º tiro, e ele mesmo se assustou.*

*Começou o desespero de nós: é agora que nós vamos morrer. Um corre para lá, o outro corre para cá. A Mariana pendurou o “macaquinho” dela que é o Wellington e saiu correndo por aí a fora... e eu gritando: corre, Mariana!*

*Ele saiu desesperado gritando:*

*Vou chamar o meu tio! Vou chamar o tio!*

*É aí que entrou o desespero de todos nós. Quando fala que vai chamar o tio é morte na certa. Aquele que não dançar, come chumbo. A gente tá lembrando estas tristezas todas mas a gente tem fé em Deus que a tia Marília e o tio Marcão vai arrumar um lugar para a gente ficar e que um dia a gente vai ser feliz na vida, mostrar que a gente somos gente, que sabemos levar um lugar que a gente vai ficar. Estamos cansado de sofrer.*

Reduzidos à condição de fêmea, é bicho esparramado, lixo a ser retirado da rua:

No relato da morte, o lugar do medo e da diferença.

Os “falecidos” são seus iguais (nunca “presuntos” ou “bichos”) e até suas formas de morrer. Como o Thor (sem os poderes do herói legendário, mas sob o efeito da cola), que “ficou rindo, morreu rindo”.

Da MATTA nos diz que *"Todas as sociedades têm que dar conta da morte e dos mortos, de um lado há sistemas que se preocupam com a morte, de outro há sistemas que se preocupam com o morto"* (1987, pp. 147-148).

No caso dos meninos de rua, é curioso notar que o morto e sua morte adquirem, momentaneamente, maior importância do que sua própria existência. Mortos devem ser removidos rapidamente, mesmo que seja para não atrapalhar o tráfego, como o operário na "Construção" de Chico Buarque de Hollanda.

*"De fato, não deixa de ser significativo o fato de as práticas mortuárias das sociedades individualistas serem práticas onde o morto é destruído, dele não devendo ficar nem mesmo uma memória, pois aqui pensar sistematicamente no morto e falar constantemente dele trai uma atitude classificada como patológica. Num universo relacional como o brasileiro, nada mais nítido do que essa visão múltipla do mundo, onde se oscila entre pelo menos três posições fundamentais dadas pela casa, pela rua e pelo outro mundo (o mundo dos mortos), no Brasil a morte mata, mas os mortos não morrem"* (Da MATTA, 1987 – pp.148 - 162 e 173).

É tão insuportável encarar de frente esta realidade: crianças e adolescentes em situação de abandono, exclusão e delinquência, que a resposta da sociedade é a de "eliminar" o que não se consegue "dar conta". Daí grande parte da opinião pública chegar a apoiar (em até 70%) a pena de morte.

*"Há uma banalização da morte violenta que hoje no Brasil é a terceira causa de morte"* (FALEIROS, 1993, p. 178).

A casa, a rua e outro mundo são para este menino, sempre, Terras-do-Nunca.

*"De fato, não deixa de ser significativo o fato de as práticas mortuárias das sociedades individualistas serem práticas onde o morto é destruído, dele não devendo ficar nem mesmo uma memória, pois aqui pensar sistematicamente no morto e falar constantemente dele, atrai uma atitude classificada como patológica.*

*Num universo relacional como o brasileiro, nada mais nítido do que essa visão múltipla do mundo, onde se oscila entre pelo menos três posições fundamentais dadas pela casa, pela rua e pelo outro mundo (o mundo dos mortos), no Brasil a morte mata, mas os mortos não morrem."*(DA MATTA, 1987, pp.14, 162 e 173.)

Sujeitos que existem sem existir, constituindo número na morte mas não em vida. Fazem parte da mais autêntica definição do nada.

Moram na Terra-do-Nunca.

# **Capítulo IV**

## **CONCLUSÃO**

## CAPÍTULO IV

### CONCLUSÃO

#### 4.1 - O Enredo Cronotópico

Os meninos privados de um tempo – espaço que remeta a crescer são os habitantes da Terra-do-Nunca – a terra onde os meninos não crescem.

Crescer também significa a perda de certos privilégios determinados pela lei. Torna-se ainda preferível ser “de menor” .

“De fato há um tempo linear vigente na rua, um tempo cíclico vigente na casa e um tempo eterno no outro mundo”(Da Matta, 1987 – p. 168).

Quando falamos de infância e de adolescência estamos necessariamente falando de futuro.

Quando falamos de meninos de rua há uma interrupção do tempo do sonho, do futuro.

Que país é esse que impede uma criança de sonhar?

O princípio condutor do cronotopo é o tempo - que é também o do menino. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo.

**Topo / Espaço ➔** estes meninos estão privados de espaços privados – anulados -, como que enjaulados nos espaços públicos, condição incompatível com a aprendizagem de noção de “propriedade privada” , pelo menos com o sentido hegemônico que circula em sociedade.

Rua e casa são espaços geográficos cronotópicos, “casa não é somente o que equivale ao espaço público ( em oposição ao espaço privado) das sociedades, mas é uma dimensão social de onde todo universo social é ordenado debaixo de uma perspectiva.

Se a casa nos acena com uma absoluta tranqüilidade e segurança, se nela somos supercidadãos com todos os direitos e nenhum dever, na rua tendemos a nos definir ao contrário. Ali somos minicidadãos com todos os deveres e sem nenhum direito” (Da Matta, 1987 pp. 162 e 164).

Este menino traz o cronotopo em seu nome, e este enredo cronotópico perpetua sua condição. Para sempre menino.

*“Entre nós a família é igual a “sangue”, “carne” e tendências inatas que passam de geração para geração, pois uma pessoa “puxa” e “sai” como a outra, isto é como o seu pai, mãe ou avós” (DA MATTA, 1987 – p. 61).*

Ele é da rua. Para sempre de rua.

Os meninos privados dos seus sentidos (na cola), “colados” no aqui, sem agora. Aqui até a morte.

Os meninos socialmente deslocados da condição de sujeitos, cuja morte remete à limpeza deste aqui por eles ocupado.

Os meninos que aparecem nos jornais com seus nomes reduzidos às iniciais são sempre um caso de polícia. O lugar que ocupam na mídia é o da seção policial, lugar também da infância pobre.

## **Rap**

*Ó meus amigos, vocês têm que me entender  
Este caso é complicado e vocês vão se doer  
Os menores abandonados que não tem onde morar  
Eles estavam na praça, lá pertinho da Mauá.*

*Ó meus amigos, prestem atenção  
Os meninos de rua estavam caídos no chão  
Com um tiro na cabeça e também no coração  
A perícia não toma providência meu irmão.*

*Seja um bom menino, ou então um bom rapaz  
Porque senão você vai para as capas de jornais  
Suas casas são nas ruas, suas camas são no chão  
E o resto de comida, é sua alimentação.*

*Eu conheço a fome, eu conheço o frio  
Os menores abandonados do Estado do Rio  
Isto aí não acabou, vai apenas começar  
Este crime abalou o Presidente Itamar.*

*Na chamada madrugada ele vivia sorridente  
Aí chegou dois carros e pôs um fim naquela gente*  
A Polícia Militar ela não tem coração

*Mataram os menores na Candelária, meu irmão*

*Foi um crime bárbaro  
Que nem o advogado viu*  
Um crime descomunal

*Que foi para fora do Brasil*

Fui até aos Estados Unidos procurar uma explicação

*E mandaram para o Catatau:  
- Podem prender o safadão!*

*Nós queremos ver justiça  
Neste crime animal  
Eu sou o M.C. boy  
O meu nome é Lourival*

Rap cantado pelos meninos sobre a chacina da Candelária. Autoria do grupo.

Com a desumanização, a condição de vira-lata:



Na música:

*“... Pra **rua**! Se manda”,...*

*“...E eu fui andando pela **rua** escura para poder chorar”.*

*“...Um homem mijando na esquina da **rua** sobre um saco brilhante de lixo...O Haiti é aqui...”*

*“... uma **rua** onde o mundo principia.”*

*“Ah, se essa **rua** que me deixa de partida, fosse minha”. “Se essa **rua** fosse minha...”*

*“Saudades das **ruas**, e rios e fontes...”*

*...de tudo, saudade!”*

*“...Agora o meu dia-a-dia*

*é no meio da gataria*

***pela rua virando lata...**”*

e na literatura:

*“A casa da madrinha conta a história de uma casa que se torna o centro dos pensamentos e dos desejos de um menino. Ele acaba largando o mundo onde vive – mundo hostil, sem saída, e parte em busca da casa.*

*- Você mora aí embaixo?*

*- Moro. É o porão da casa. Mas tá sempre trancado, ninguém aparece aí. Baixou a voz. – Não conta pra ninguém que eu moro no porão, viu?*

*- Pode deixar.*

*- Eu moro aí escondida. Se descobrem me enxotam. Que nem lá fora.*

*- Te enxotam?!*

*- Claro, eu sou vira-lata”(NUNES, 1983 – p. 67) .*

Assim como os meninos da Terra-do-Nunca que também procuram uma casa, uma fada madrinha, ou a casa da madrinha.

A divindade grega de Artemis completa a tríade (Medusa, Dionísio e Artemis) que Amorim propõe para exemplificar a questão da alteridade.

Ela é deusa da guerra, e traz à tona, o momento da bestialidade, da morte e da violência. É a figura que articula o selvagem com o humano.

Artemis (Diana, para os romanos) é a deusa das fronteiras e de todas as passagens, e portanto, serve aqui como metáfora para explicar a passagem do menino (humano) para “menino de rua” (o que não é reconhecido como humano).

## 4.2 - Perspectiva dialógica

Temos espaços sociais e temporalidades diferenciados e, muitas vezes, até divergentes, e temos também, espaços geográficos enunciativos específicos, com éticas distintas.

Não se pode falar de casa sem mencionar o seu espaço gêmeo, a rua .

E esses meninos de quem se fala do lugar de quem vê a rua de casa, como no nosso caso: pesquisadores e/ou leitores, tecem sua narrativa de vida aqui, dialogando com os diferentes lugares sociais, falando dos seus sonhos. Falam da casa vista da rua.

*“O que o sujeito fala pode ter sortes diversas de acordo com a posição que toma aquele que escuta... E muitas vezes não depende da “boa vontade” daquele que escuta, mas da argumentação ou do instrumento de que dispõe e mais essencialmente, do lugar ético daquele que escuta. Esta distinção da posição frente ao que se escuta, é preciso que se faça, constantemente ... escutar do lugar preciso onde o sujeito pode se inventar no ato de sua palavra...” (FERREIRA, 1993 - p. 85)*

Aqui a idéia de trabalhar o dialogismo passou pela tentativa de traduzir o oral no escrito.

A pretensão não foi, e nem poderia ser, esgotar os sentidos que eles fazem circular, mas colocá-los com circulação . Para que eles não sejam apenas falados. Para que possam falar.

*“Ele falou pra mim ir embora, eu fui e **deixei muitas coisas para falar...**” (p. 52).*

*“A gente não tem voz para competir com a voz deles. **A voz deles são mais altas**” (p.59).*

O que está posto neste texto, inevitavelmente, deixa muito por falar. O dialogismo é um processo que não se esgota em um movimento de análise. Há muito para falar quando se ouvem os ecos das muitas vozes em diálogo. Ouvir e dizer, duas dimensões do diálogo sintetizadas pelos meninos da Terra-do-Nunca.

Finalmente é preciso o confronto das falas deles com as falas dos “outros”, podendo instaurar outros diálogos e, até, uma nova compreensão dos seus temas e dos seus enunciados.

O desafio de uma ética dialógica a ser construída. Em função dos resultados deste estudo, ficam claras as casas que eles rejeitam. Resta-nos o desafio de uma ética a ser construída e da construção da casa que eles precisam: casa – espaço afetivo

“Uma casinha quero ter,  
Que menor não haja no mundo;  
Terreiro bem limpo na frente,  
Jardim de mil flores no fundo”.

não precisou entrar na casinha, porque a casinha havia sido construída – em redor dela – e foi a primeira vez no mundo que semelhante coisa aconteceu. Jamais faria isso. Jamais desertaria a Terra-do-Nunca – a terra onde os meninos não crescem” (Monteiro Lobato).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAJMO, Marco. Des – informação e criança brasileira in: A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio/ Rizzini, I. [et al.] R.J: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.
- ALTOÉ, Sônia. Infâncias perdidas: o cotidiano nos internatos-pensão, 2ª ed., Rio de Janeiro, Xenon Ed., 1990.
- ALVIM, Rosilene. (coord) Candelária 93: um caso limite de violência social, Rio de Janeiro, NEPI/LPS/IFCS/UFRJ, 1993.
- AMORIM, Marília. Um estrangeiro do interior – reflexões sobre a pesquisa com Meninos de rua. in: Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol. 48, nº 2, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1996.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família, Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1978.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. S.Paulo, Ed. Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_. Questões de literatura e de estética, S.Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- BARRETO, Raquel Goulart. Análise de Discurso (AD), Rio de Janeiro, Aulas / Mestrado em Educação: UFRJ, 1996.
- BOHADANA, Estrella. Sobre deuses e poetas: danças da palavra e da imagem, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ed., 1992.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Lingüística, S.Paulo: Ed. Scipione, 1992.

CASTRO, Lúcia Rabello de. O lugar da infância na modernidade, Rio de Janeiro: Aulas/Mestrado em Educação: UFRJ, 1996 (mimeo).

CHENIAUX, Sônia. Trapaceados e trapaceiros: o menor de rua e o Serviço Social São Paulo: Ed. Cortez, 1986.

COSTA, Jurandir Freire (org). Redescrições da Psicanálise: ensaios pragmáticos, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

COULON, Alain. Etnometodologia e Educação, Petrópolis – RJ.: Vozes, 1995.

COUTINHO, Maria Lucia. Tecendo por baixo dos panos, Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

DA MATTA, Roberto. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, R.J.: Ed. Guanabara 1987.

DIMENSTEIN, Gilberto. A guerra dos meninos, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. Não existe criança de rua no Brasil, <http://www.uol.com.br/aprendiz/colunas/gilberto/index.html>.

DUARTE, Rosália Maria. Marginalidade e morte no Brasil: uma contribuição à polêmica sobre o extermínio de crianças e adultos, Rio de Janeiro: FGV, 1991. Dissertação de mestrado (mimeo).

FALEIROS, Vicente. Violência e barbárie: o extermínio de crianças e adolescentes no Brasil, in: A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio / Rizzini, I. [ et al.] R.J.: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

FÉRES, Nilza Rocha. Meninos e meninas na rua eles fazem o que sabem, mas não sabem, in: rev. Psicologia Ciência e Profissão, Belo Horizonte, 1998 (mimeo).

- FERREIRA, Tânia. Os meninos e a rua – uma interpelação à Psicanálise, Belo Horizonte: FAPEMIG, 1993, (mimeo).
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir, Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1977.
- FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala, 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1977.
- GEERTZ, Clifford. A interpelação das culturas, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1989.
- GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. Alteridade e infância excluída: dialogando com texto do projeto “Se essa rua fosse minha” – alternativa pedagógica para meninos de rua, Rio de Janeiro: Aulas – Mestrado em Educação/ UFRJ, 1996.
- GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos, São Paulo: Ed. Hucitec, 1984.
- \_\_\_\_\_. Estigma: notas sobre a manipulação e identidade deteriorada Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.
- GOMES DA COSTA, Antônio Carlos. De menor a cidadão, Rio de Janeiro: FCBIA, 1992 (mimeo).
- KONDER, Leandro. O outro, esse alienígena: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 ago. 1996.
- KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (orgs), Infância: fios e desafios da pesquisa, Campinas- SP: Papirus Ed., 1996.
- LEITE, Ligia Costa. A magia dos invencíveis: os meninos de rua na Escola Tia Ciata, Petrópolis- RJ: Vozes Ed., 1991.
- LEONARDOS, Ana Cristina, BARRETO, Raquel Goulart e ESTEVES, Rosa Maria Gouvêa. Relatório de pesquisa: Análise de discurso das produções acadêmicas de alunos do CIEP (representativo da proposta original e escola convencional). UFRJ, 1992 (mimeo).

- LOBATO, Monteiro. Memórias da Emília e Peter Pan. Obras Completas de Monteiro Lobato, 2ª série, vol. 5, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1957.
- MELO, Rosane Braga de. Análise do documento: Fundamentação político-filosófico-metodológica a ser implementada pelo DEGASE, Rio de Janeiro, 1996, (mimeo).
- MIELNIK, Isaac. Os adolescentes: conceito, dinâmica e orientação do adolescente, São Paulo: IBRASA, 1984.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A vertente grega da gramática tradicional, São Paulo: Ed. Hucitec, 1987.
- NUNES, Deise Gonçalves. Alteridade e infância excluída: uma reflexão sobre as medidas sócio-educativas do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Rio de Janeiro: Aulas Mestrado em Educação/UFRJ, 1996 (mimeo).
- NUNES, Ligia Bojunga. A casa da madrinha. Rio de Janeiro: Aju, 1983.
- ORLANDI, Eni P. A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso. São Paulo: Brasiliense Ed., 1983.
- RIZZINI, Irene(org) A criança no Brasil hoje – desafio para o terceiro milênio, Rio Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1983.
- \_\_\_\_\_. Os grandes temas de pesquisa na década de 80”, in: Fausto, Ayrton e Cervini, Ruben (org). O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Ed. Cortez, 1991.
- SILVA, Hélio e MILITO, Cláudia. Vozes do meio-fio, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.